



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitor

João Cláudio Todorov

Vice-Reitor

Erico Paulo Siegmur Weidle

EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Diretor

Alexandre Lima

CONSELHO EDITORIAL

Presidente

Emanuel Araújo

Alexandre Lima

Alvaro Tamayo

Aryon Dall Igna Rodrigues

Dourimar Nunes de Moura

Emanuel Araújo

Eurídice Carvalho de Sardinha Ferro

Lúcio Benedito Reno Salomon

Marcel Auguste Dardenne

Sylvia Fischer

Vilma de Mendonça Figureiredo

Volnei Garrafa

SÓFOCLES

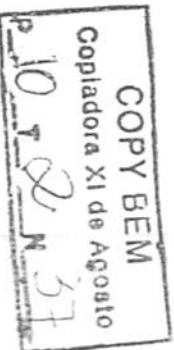
vers 1 - 1975-80

ANTÍGONA

Introdução, versão do grego

e notas

Maria Helena da Rocha Pereira



PERSONAGENS DO DRAMA

Antígona

Ismênia

Coro dos Anciãos de Tebas

Creonte

Guarda

Hémon

Tíresias

Mensageiro

Eurídice

Segundo Mensageiro (Mensageiro de dentro de casa)

A cena representa a frontaria do palácio real de Tebas.

Antígona e Ismênia saem do palácio. É noite ainda.

ANTÍGONA

Ismênia, minha irmã, minha querida irmã, por ventura conheces na linhagem de Édipo algum mal que Zeus ainda não fizesse cair sobre nós duas, sobre as nossas vidas? Não há dor, não há desgraça? não há vergonha, não há desonra que eu não tenha visto no número das minhas e tuas penas. E agora, que nova é essa que toda a cidade afirma, desse édito que o general acaba de promulgar? Tu sabes? Tu já ouvistes? Ou acaso ignoras que a maldade dos nossos inimigos avança sobre aqueles que nos são caros?

10

ISMÊNIA

Sobre os que nos são caros, Antígona, nem uma palavra me chegou, nem doce nem dolorosa, desde que fomos privadas dos nossos dois irmãos, que, num só dia, pereceram às mãos um do outro. Depois que, esta noite, o exército dos Argivos se pôs em marcha, nada mais soube, nem de bom, nem de mau.

15

ANTIGONA
Mas sei-o eu, e por isso te mandei vir para fora do palácio, a fim de que só tu o ouvisses.

20 Que é? Pareces perturbada por alguma notícia.
ISMÊNIA
ANTIGONA

25 Pois não distinguíu Creonte, na sepultura, um dos nossos irmãos, e desonrou o outro? A Eteocles, segundo se diz, tratando-o de acordo com a justiça e a lei,¹ ocultou-o sob a terra, de uma maneira honrosa aos olhos dos mortos do além. Quanto ao cadáver de Polínicos, percido miseravelmente, diz-me que foi proclamado aos cidadãos que ninguém o recolhesse num sepulcro, nem o lamentasse, mas sim que o deixasse sem gemidos, por enterrar, tesouro bem-vindo para as aves de rapina, quando lá do alto espreitam, em busca da alegria de um repasto. Assim se conta que o bom de Creonte mandou anunciar a ti e a mim — sim, a mim, digo eu — e que há de vir aqui proclamar estas decisões claramente aos que as não conhecerem, e a prática desse ato não terá por coisa de pouca monta, mas quem quer que o cometa incorre em crime de lapidação pública nesta cidade.

30 Tais são os fatos, e em breve mostrarás se tens caráter ou se da tua nobreza fizeste vileza.

ISMÊNIA
35 É: que adianta eu, nestas circunstâncias, minha pobre irmã, em alar ou desatar este nó?
ANTIGONA

Vê se queres cooperar e atuar comigo.

ISMÊNIA
Fim que espécie de risco? Que estás a premeditar?

ANTIGONA
erguendo a mão
Se junto com esta não vais levantar o cadáver.

307

ISMÊNIA
Acaso pensas em dar-lhe sepultura, quando isso está interdito à cidade?

ANTIGONA
45 Sim, a esse irmão que é meu e teu, ainda que o não queiras. Não me acusarão de o ter ataiçoado.⁴
ISMÊNIA

Ó desvairada, que te proíbe Creonte!

ANTIGONA
A ele não lhe é dado separar-me dos meus.

ISMÊNIA
50 Ai de mim! Pensa, ó minha irmã, no nosso pai, como ele pereceu odioso e sem glória, ferindo os olhos por suas próprias mãos, assim que descobriu os seus crimes.⁵ Depois, a mãe e esposa dele — que de ambas tinha o nome — destrói a sua vida no laço de uma corda.⁶ Em terceiro lugar, os nossos dois irmãos, num só dia, morreram às mãos um do outro, cumprindo, desgraçados, um destino fatal.⁷ E agora, que só restamos nós as duas, vê lá de que maneira ainda pior acabaremos, se, contra a lei, vamos transgredir o édito dos soberanos ou o seu poder. Pelo contrário, é preciso lembrarmo-nos de que nascemos para ser mulheres, e não para combater com os homens; e, em seguida, que somos governadas pelos mais dolorosos, de modo que nos submetemos a isso, e a coisas ainda mais dolorosas. Por isso eu rogo aos que estão debaixo da terra que tenham mercê, visto que sou constrangida, e obedeço aos que caminham na senda do poder. Atuar em vão é coisa que não faz sentido.

ANTIGONA
65 Não sei eu quem te ordena, nem, ainda que o quisesse fazer, colaborarias comigo de bom grado meu. Procede como entenderes. A ele, eu lhe darei sepultura. Para mim, é belo morrer por executar esse ato. Jazerei ao lado dele, sendo-lhe cara, como ele a mim, depois de prevaricar, cumprindo um dever sagrado — já que é mais longo o tempo em que devo agradecer aos que estão no além do que nos que estão aqui. É lá que ficarei para sempre; e tu, se assim te parece, desonra aquilo que para os deuses é honroso.

31

ISMÊNIA
Eu não faço nada que não seja homroso, mas sou incapaz de atuar
contra o poder da cidade.

80 ANTIGONA
Podes apresentar essas desculpas, que eu por mim vou erguer um
túmulo ao meu irmão tão querido.

ISMÊNIA
Ai, desgraçada, como eu receio por ti!

ANTIGONA
Não temas por mim. Assegura a tua vida.

85 ISMÊNIA
Mas ao menos não reveles a ninguém esta ação, guarda-a em segredo,
que outro tanto farei eu.

ANTIGONA
Ai! Denuncia-a! Ser-me-ás muito mais odiosa, se te calares, do que
se a proclamares diante de todos.

ISMÊNIA
Conservas um ânimo esquentado perante a fria realidade.

ANTIGONA
Mas sei que agrado áquelles a quem mais devo dar prazer.

90 ISMÊNIA
Se ao menos tiveres esse poder, mas desejas o impossível.

ANTIGONA
Pois bem: quando não tiver força, cessarei.

ISMÊNIA
Convém principiar por não andar atrás do impossível.

ANTIGONA
Se assim falares, serás odiada por mim, e com razão serás odiada.

32

de odiares o que morreu. Mas deixa-me, a mim e à minha loucura, a
sofrer este mal terrível. Eu, por mim, não creio que haja outro tão grande
de como morrer sem honra. 95

ISMÊNIA
Vai, se assim te parece. Mas fica sabendo que, embora sejas uma
insensata em ir, com razão serás amada pelos que te são caros.¹

*Antígona sai pela esquerda; Ismênia entra no palácio. Entram, a
amanhece. O Coro, formado por quinze anciãos de Tebas, aparece na
orquestra.*

Coro
Ó raios do Sol, ó luz mais bela
em Tebas das sete portas⁹
a resplandecer,
brilhaste enfim, ó farol dourado
do dia, avançando
pela corrente Dirceia,¹⁰
sobre o Argivo,¹¹ de escudo branco,
com freio mordente,¹²
precipitando-se para a fuga
em carreira veloz. 105

Ele, a quem Polinices, por amargas questões,
sobre a nossa terra fez cair,¹³
soltando um grito estridente
— tal águia que se abate no solo
coberta com as asas brancas de neve —,
carregado de armas e de cliros,
que crinas de cavalos enfiaram.

Pousando sobre o nosso palácio,
abriu as goelas hiantes 1° anap. 110

33

120	<p>• para as sete bocas. Partiu, sem que enchesse, com as lanças sedentas de morte, de sangue rosso as faces, nem que as chamas de Hefestos¹⁴ arrasassem nossa coroa de torres. Tal o fagor de Ares¹⁵ indômito na luta do dragão.</p>	anap.
130	<p>Pois Zeus, o que abominava a vaidade de uma lingua soberba, ao vê-los atacar em torrente com sobranceiro orgulho no estridor do ouro, brandindo o raio atra-o àquele¹⁶ que já ia, lá do alto da meta, proclamar a vitória.</p>	anap.
135	<p>Com a tocha na mão precipita-se sobre a terra que ressoa, e com báquica fúria¹⁷ respira vendavais de ódio. Porém, outra foi a sorte. Aos mais distribuiu seu destino¹⁸ o forte e feroso Ares.</p>	2 ^a estr.
140	<p>Contra as sete portas os sete sítiantes¹⁹ deixaram a Zeus, senhor dos troféus, seus brônzeos tributos; só aqueles dois malditos, de um só pai nascidos e de uma só mãe, enristando as lanças poderosas, partilharam uma sorte fatal.²⁰</p>	anap.
145	<p>Mas desde que chegou sorridente</p>	2 ^a ant.

334

150	<p>para a belicosa Tebas a Vitória gloriosa, as guerras de há pouco esqueçamos; em danças noturnas, Vamos dos deuses a todos os templos, e Baco²¹ trememente domine em Tebas.</p>	anap.
155	<p>Mas aí vem o rei desta terra, Creonte, ²² filho de Meneceu, dos deuses, por nova decisão, o soberano de agora. Algun plano ele divisa, pois dos anciãos convocou a assembléia, pela voz do arauto a todos chamando.</p>	anap.

Entra Creonte, em traje real, acompanhado de guardas

165	<p>CREONTE Varões, de novo os deuses restabeleceram a segurança da nossa cidade, depois de a terem abalada com vagas alterosas. ²³ Mandeí-vos convocar para aqui, longe de todos, pelos meus emissários, ciente de que sempre honrastes o poderio do trono de Laio, e depois, quando Édipo dirigia a cidade, e em seguida pereceu, permanestes leais aos filhos de cada um deles, com um ânimo constante. Mas já que esses, por um duplo fado, acabaram num só dia, balendo-se e ferindo-se, poluindo as suas mãos no próprio sangue, sou eu agora o detentor de todos os poderes do trono, devido à proximidade de parentesco com aqueles que se finaram.</p>	170
175	<p>É impossível conhecer o espirito, pensamento e determinação²⁴ de qualquer homem, antes de ele se ter exercitado no poder e nas leis. ²⁵ Eu, por mim, entendo que todo aquele que, sendo supremo senhor de um Estado, não se mantiver firme nas melhores decisões, mas por medo entrar a sua lingua, é e foi sempre um grande celerado. E quem quer</p>	180

335

que tenha mais amor a outrem do que à sua própria pátria, não tenho a menor consideração. Pela minha parte — saiba-o Zeus, com-
pre vigia tudo — não me calaria, se visse a ruína, em vez da salvação, a
185 avançar sobre os cidadãos, nem teria por amigo próprio um varão que
quisesse mal à nossa terra. Sei bem que é ela que nos mantém salvos e
190 que, se navegarmos nela com direito numo, podemos contrair amizades.
Tais são as leis com que eu criarei a prosperidade deste Estado.

E agora acabo de proclamar aos cidadãos um édito gêmeo destes
195 princípios, que diz respeito aos filhos de Édipo: a Etéocles, que pereceu
a combater por esta cidade, praticando toda espécie de atos valerosos
com a sua lança, dar-se-á sepultura num túmulo e executar-se-ão todos
aqueles ritos sagrados que chegam ao além, até os mortos mais nobres;
200 porém, quanto ao que era do mesmo sangue que ele — refiro-me a
Polinices — ao que, de regresso do exílio, quis destruir pelo fogo, de
ponta a ponta, a terra de seus pais e os deuses da sua linhagem, quis
saciar-se do sangue dos seus e levá-los cativos, — quanto a esse, procla-
205 mou-se nesta cidade que nem seria sepultado, nem pessoa alguma o la-
mentaria, mas se deixaria insepulto, e que o seu corpo, dado a comer aos
cães e às aves de rapina, se havia de tornar um espetáculo vergonhoso.

210 Tal é o meu pensamento, e, por mim, jamais os maus hão de ultra-
passar os bons em honrarias. Porém, quem for propício a esta cidade,
morto ou vivo, receberá da minha parte honras iguais.

Coro

A ti apraz-te, Creonte, filho de Meneceu, proceder desse modo para
com quem é desfavorável e para com quem é propício a esta cidade. Em
tuas mãos está a facultade de usar das leis, quaisquer que sejam, quer
para os mortos, quer para os vivos.

CREONTE

215 Sede vós os guardiões destas ordens.

Coro

Encarrega disso alguém mais jovem do que nós.

CREONTE

Os vigias do cadáver já estão prontos.

36

Coro
Que mais querias então recomendar-nos?

CREONTE
Que não vos junteis aos que desobedecem às minhas ordens.

Coro
Não há ninguém tão louco que deseje a morte. 220

CREONTE
Pois será esse o salário; mas muitas vezes a esperança do ganho
aniquila os homens.

Entra o Guarda

GUARDA

Meu senhor, não direi que foi por causa da velocidade que cheguei
aqui sem fôlego, depois que pus em movimento os meus pés ligeiros. Na
225 verdade, muitas foram as paradas que fiz para pensar, às voltas no cami-
nho, quase a tornar atrás. O meu espírito dizia-me muitas coisas falan-
do-me assim: — Desgraçado, para que vais com tanta pressa onde à tua
chegada serás castigado? Miserável, então tu páras outra vez? E se
230 Creonte souber por outro, como deixarás de sofrer? — Com estas hesi-
tações, fiz caminho sem grande pressa,²⁶ e assim uma pequena distância
se tornou em grande. Por último, enfim, prevaleceu vir encontrar conti-
235 go. E, se o que eu te contar não valer nada,²⁷ mesmo assim vou dizer-te.
Porque eu venho agarrado a esta esperança, de que nada mais sofrerei
senão o que me estiver destinado.

CREONTE

Que motivo tens para essa inquietação?

GUARDA

Primeiro quero falar-te do que me diz respeito: não fui eu quem

7

240 praticou essa ação, nem sei quem foi. E não há razão para eu cair em desgraça.

CREONTE

Não há dúvida que atiras bem e fazes boa defesa em volta do caso.¹⁸ Mas é manifesto que tens algo de novo para contar.

GUARDA

O perigo é a causa de tanta hesitação.

CREONTE

Acabarás finalmente por dizer, e por iras embora, depois?

GUARDA

245 Enfim, vou dizer-te. Há pouco ainda, alguém deu sepultura ao cadáver e se retirou, espalhou sobre o corpo o pó seco e fez-lhe as oferendas que são devidas.

CREONTE

Que dizes? Quem dentre os homens ousou cometer tal feito?

GUARDA

250 Não sei. Não havia lá sinais de machado nem terra que a enxada amontoasse. O solo, duro e seco, não estava sulcado pelo peso de rodas; quem quer que tivesse sido o autor da obra, não deixara vestígios. Quando a primeira sentinela no-lo mostra, já lá estava aquele prodígio embarrasoso para todos nós. O cadáver estava invisível, não enterrado com tudo, mas tinha por cima uma camada fina de pó, como de alguém que a pusesse para fugir a uma maldição.¹⁹ Não havia vestígio da passagem de qualquer animal selvagem ou de cães, nem tinha aspecto de ter sido dilacerado. Entrechocavam-se palavras desagradáveis entre nós; cada guarda acusava o outro. E teria havido pancada, se não aparecesse quem o impedisse. Cada um de nós podia ser o autor, mas nenhum o era manifestamente, antes se esquivava a reconhecê-lo. Estávamos prontos a levantar ferros em brasa com as mãos, e a atravessar as chamas,²⁰ a jurar pelos deuses que nem tínhamos praticado aquela ação, nem fôramos cúmplices de quem a deliberala e a executar. Por fim, como não havia

38

vantagem alguma em indagar, fala um qualquer, que a todos força a baixar a cabeça, de medo, pois não sabíamos que havíamos de lhe repletar, nem que fazer para sermos bem sucedidos. O que ele disse foi que era preciso revelar-te o fato, e não mantê-lo oculto. Prevaleceu esta opinião, e eu sou desventurado que a sorte escolheu para receber tal benefício. Aqui estou eu contra vontade, perante quem a não tem boa para mim, bem o sei, pois ninguém gosta de quem anuncia más notícias.

CORO

Senhor, há muito que meu espírito pondera, se acaso este feito não será obra dos deuses.

CREONTE

Cessa, antes que as tuas palavras me encham de cólera, para que não sejas ao mesmo tempo insensato e velho. Pois não se pode suportar que tu digas que as divindades possam ter cuidados com esse cadáver. Acaso o cobriram por haverem especialmente como seu beneficor aquele que vinha para lançar fogo aos templos rodeados de colunas, às oferendas votivas e ao território que era deles, e para derrubar as leis? Ou já viste os deuses prestando honrarias aos maus? Não! Mas é que já antes havia homens deste país que tolerando mal as minhas ordens, se agitavam contra mim, meneando a cabeça, e não conservavam a cerviz sob o jugo, coquo deviam, respeitandome. Sei bem que estes foram subornados pelos salários daqueles, para praticar este ato. Entre os mortais não germinou ainda instituição tão perversa como o dinheiro. É ele quem destrói cidades, ele que arranca os homens do seu lar; ele que cunha e alicia um caráter honesto a cometer ações vergonhosas. Mostrou aos humanos como praticar vilezas e deu-lhes conhecimento de toda espécie de impiedade. Porém, todos os que se vendem acabam por conseguir esta vantagem — cedo ou tarde terão de pagar a sua pena.

Mas já que Zeus é ainda senhor da minha veneração, fica sabendo bem, é sob juramento que te afirmo: se não encontrardes o próprio homem cuja a mão fez essa sepultura, e não me apresentardes diante dos meus olhos, o Hades²¹ não será suficiente para vós, antes que, suspensos com vida aclarais este ultraje, para que de futuro fiquis sabendo extrair o ganho de onde ele deve obter-se, e aprendais que não se deve tirar lucro de toda e qualquer origem. Por causa de aquisições vergonhosas é

39

que se vêem muitos mais na desgraça do que na prosperidade.

315 GUARDA
Concedes-me que diga alguma coisa, ou devo ir embora sem mais?

CREONTE
Não sabes como ainda agora as tuas palavras me incomodam?

GUARDA
São os teus ouvidos ou a tua alma que elas afetam?

CREONTE
Para que queres definir bem de onde vem o meu aborrecimento?

GUARDA
O feito afflige-te o espirito, os ouvidos sou eu que os perturbo.

320 CREONTE
Oh! Que tremendo falador tu me saístes!

GUARDA
Seja como for, o certo é que não sou eu o autor desse feito.

CREONTE
E o que é mais, arriscando a tua vida por dinheiro.

GUARDA
Ah! Tremendo é que quando alguém acalenta suspeitas, elas sejam falsas!

325 CREONTE
Anda, enfeita as tuas sentenças. Mas, se não me mostrares os que praticaram aquella ação, concluiréis que os sórdidos só causam desgraças.

Creonte entra no palácio.

2210

GUARDA

Bem, antes de mais nada, que ele apareça! Quer ele seja apanhado ou não — e isso é a sorte que há de decidi-lo — não terás maneira de me veres aqui outra vez. Pois ainda agora é bem contra a minha expectativa e as minhas suposições que saio daqui a salvo, pelo que dou aos deuses muitas graças.

O Guarda sai pela esquerda.

CORO

Muitos prodigios há; porém nenhum maior do que o homem."

1.º estr.

Esse, como sopro invernosso no Noto, passando entre as vagas fundas como abismos, o cinzento mar ultrapassou. E a terra

335

imortal, dos deuses a mais sublime, trabalha-se sem fim, voltando o arado, ano após ano, com a raça dos cavalos laborado.

340

E das aves as tribos descuidadas, a raça das feras, em côncavas redes a fauna marinha, apanha-as e prende-as, o engenho do homem.

345

Dos animais do monte, que no mato habitam, com arte se apodera; domina o cavalo de louras crinas, o jugo lhe põe, veu o uro indomável das alturas.

350

A face lado pensamento, as n e regulam as cidades

2.º estr.

41

355

sozinho aprendeu;
da geada do céu, da chuva inclemente
e sem refúgio, os dardos cvita,
de tudo capaz.

360

Ao Hades somente
fugir não implora.¹⁶
De doenças invencíveis os meios
de escapar já com outros meditou.

365

Da sua arte o engenho sutil
para além do que se espera, ora o leva
ao bem, ora ao mal;

2.º ant.

370

se da terra preza as leis e dos deuses
na justiça faz fé, grande é a cidade;
mas logo a perde
quem por audácia incorre no erro.

375

Longe do meu lar
o que assim for!
E longe esteja dos meus pensamentos
o homem que tal crime perpetrar!

Entra o Guarda, acompanhado por Antígona.

Hesito ao ollar o portentoso divino,
mas, se eu sei, como negar

anap.

380

que esta jovem é Antígona?
Do desgraçado Édipo, ó filha,
que aconteceu? Ah! Não te trouxeram
porque as régias leis infringisses
e por louca te prendessem?

385

Aqui está a autora do feito. Apanhamo-la no ato de dar sepultura.
Mas onde se encontra Creonte?

GUARDA

42

Creonte sai do palácio com os seus guardas.

COBO

Ei-lo que volta a sair de casa. Chega na devida hora.

CREONTE

Que há? Porque motivo é oportuna a minha vinda?

GUARDA

Senhor, aos mortais não é lícito garantir que seja impossível coisa alguma. É que a reflexão toma falso o prévio julgamento. Pois eu devia jurar que levaria tempo para que voltasse aqui, devido às tuas ameaças, que então me atormentavam. Mas surgiu-me esta alegria acima e para além de toda a esperança, de um tamanho que não se pode medir com qualquer outro prazer. E venho, apesar de ter feito juramentos solenes em contrário, trazer-te esta donzela, que foi feita quando arrumava a sepultura. Aqui já não houve baralhar de sortes, porque esta foi uma descoberta minha, e de mais ninguém. E agora, ó príncipe, toma conta dela tu mesmo, julga-a e interroga-a à tua vontade, que eu tenho jus a ficar livre e forro destes malefícios.

400

395

CREONTE

Onde a aprisionastes, para a trazeres desta maneira?

GUARDA

Era ela que estava sepultando o varão. Ficaste agora a saber de tudo.

CREONTE

Acaso estás a compreender e a exprimir correlatamente o que
queres dizer?

GUARDA

Vi-a, sim, sepultando o cadáver que tu proibiste. E agora, falei claro
e compreensível?

405

CREONTE

E como é que foi vista e apanhada nesse ato?

43

GUARDA

- 410 O caso foi assim: quando chegamos, sob aquelas tuas ameaças ter-
ríveis, retiramos todo o pó que cobria o cadáver, desnudando bem o
corpo em decomposição. Sentamo-nos no alto da colina, contra o vento,
para evitarmos que o seu odor nos atingisse,” cada homem estava alter-
ta, esporcando os outros com os perigos clamorosos, se algum descursasse
aquela tarefa. Assim estivemos algum tempo, até que o disco fulgente
do Sol atingiu o seu lugar no meio do céu, e o calor escaldava. Então, de
súbito, um torrelinho levantou do solo uma tempestade de poeira, tor-
mento da atmosfera, que atulhou a planura, maltratando toda a folha-
gem das árvores da floresta, e enchendo o ar imenso. De olhos fechados,
enfrentamos aquele flagelo dos deuses. E quando, ao fim de muito tem-
po, ele acabou, vê-se a donzela, que solta um gemido amargurado, um
som agudo de ave que olhasse para o ninho vazio, órfão dos seus filhos.
Assim ela, ao avisar o cadáver desnudado, rompeu em gemidos, lan-
çando imprecações terríveis sobre quem executara aquele feio. Imedia-
tamente leva nas mãos o pó sedento, e, erguendo o vaso de bronze lava-
do, presta honras ao cadáver com uma triplíce libação.¹⁸ Ao ver isto,
precipitamo-nos e logo capturamos, sem que ela se assuste. Acusamo-la
das ações passadas e presentes; não negou coisa alguma, com prazer e
pena minha, ao mesmo tempo. Porque isto de uma pessoa escapar de
uma calamidade é o melhor que há, mas é penoso levar à ruína aqueles
que se estimam. Porém, tudo isto vale menos para mim do que a minha
própria salvação.

CREONTE

voltando-se para Antígona, que está de cabeça baixa.

E tu, tu que voltas o rosto para o céu, afirmas ou negas o teu ato?

ANTÍGONA

Afirmo que o pratiquei, e não nego que o fizesse.

CREONTE

voltando-se para o Guarda.

- 445 Tu já estás livre de uma pesada acusação; podes ir para onde quise-
res. (*O Guarda retira-se. Creonte volta-se para Antígona*). E agora tu
diz-me, sem demora, em poucas palavras: sabias que fora proclamado

444

um édito que proibia tal ação?

ANTÍGONA

Sabia. Como não havia de sabê-lo? Era público.

CREONTE

E ousaste, então, tripudiar sobre estas leis?

ANTÍGONA

- 450 É que essas não foi Zeus que as promulgou, nem a Justiça, que
cobria com os deuses infernais, estabeleceu tais leis para os homens. E
eu entendi que os teus éditos não tinham tal poder, que um mortal pu-
desse sobrelevar os preceitos, não escritos, mas imutáveis dos deuses.
Porque esses não são de agora, nem de ontem, mas vigoram sempre, e
ninguém sabe quando surgiram. Por causa das tuas leis, não queria eu
ser castigada perante os deuses, por ter tomado a decisão de um homem.
Eu já sabia que havia de morrer um dia — como havia de ignorá-lo? —,
mesmo que não tivesses proclamado esse édito. E, se morrer antes do tem-
po, direi que isso é uma vantagem. Quem vive no meio de tantas calamida-
des, como eu, como não há de considerar a morte um benefício? E as-
sim, é dor que nada vale tocar-me este destino. Se eu sofresse que o
cadáver do filho morto da minha mãe ficasse insepulto, doer-me-ia.¹⁹
Isto, porém, não me causa dor. E se agora te parecer que cometi um ato
de bucura, talvez louco seja aquele que como tal me condena.

Coro

Índómia se revela a vontade da filha, de índomito pai nascida.²⁰

Não aprendeu a curvar-se perante a desgraça.

CREONTE

- 475 Mas fica sabendo que os espíritos demasiado obstinados são os que
mais depressa sucumbem, e o mais sólido ferro, levado ao rubro e endu-
recido pelo fogo, é frequente reduzir-se a pedaços. Sei bem que com um
pequeno feio se subjugam os cavalos fogosos. E não costuma ter pen-
samentos altivos quem é escravo daqueles que lhe estão próximos. Esta
soube bem ser insolente, quando tripudiou sobre as leis estabelecidas. E
depois de feito isso, comete nova insolência, vangloriando-se da sua

480

45

485

ação e rindo de a ter praticado. Porém, é ela que será um h... não
eu, se lhe deixo esta vitória impunemente. Pode ela ser nossa sobrinha
ou mais próxima de nós pelo sangue do que qualquer outro dos que
vivem no meu lar. 41 Ela, e a que é da mesma origem, 42 não escaparão à
pior das sortes. Porque também a essa eu acuso de ter premeditado igual-
mente o enterro. (Para um dos seus guardas) Chama-a, porque eu vi-a
há pouco lá dentro em delírio, sem dominar a razão. É que a alma daque-
les que tramaram o mal na sombra acusa-os do crime antecipadamente.
Mas o que mais abominativo é que quem foi apanhado em flagrante delíto,
ainda por cima se vanglorie disso.

490

ANTIGONA
Intentas algo mais do que prender-me para me matar?

495

CREONTE
Eu não. Com isso me dou por satisfeito.

500

ANTIGONA
Então porque hesitas? Assim como das tuas palavras não me
vem nenhum deleite, nem poderá jamais vir, assim também o meu
parecer te é desagradável por natureza. E, contudo, onde podia
eu granjear fama mais ilustre do que dando sepultura ao meu
próprio irmão? Todos os que aqui estão diriam também como
aproavam este ato, se o medo não lhes travasse a língua. Mas é
que a realceza, entre muitos outros privilégios, goza o de fazer e
dizer o que lhe apraz.

505

CREONTE
Dos filhos de Cadmo, 43 és a única a encarar os fatos dessa maneira.

510

ANTIGONA
Estes também, 44 mas refreiam a boca na tua presença.
CREONTE
E tu não tens vergonha de pensares de maneira diversa?
ANTIGONA
Não é oportuno prestar honras aos que nasceram das mesmas cr...

46

CREONTE

Com que então não era do mesmo sangue o que morreu no campo adverso?

ANTIGONA

Do mesmo sangue, e filho da mesma mãe e do mesmo pai.

CREONTE

Nesse caso, como podes prestar-lhe um tributo ímpio aos olhos dos outros?

ANTIGONA

Não será esse o testemunho do falecido.

515

CREONTE

Mas sim, já que o honras do mesmo modo que ao ímpio.

ANTIGONA

Não foi um escravo que morreu; foi um irmão.

CREONTE

...Que ia assaltar esta terra; o outro tomou armas por ela.

ANTIGONA

Hades deseja, contudo, que o ritual seja o mesmo.

CREONTE

Mas a morte não compete o mesmo que ao malvado.

520

ANTIGONA

Quem se curva lebaixo da terra isso não é exato.

CREONTE

O ímpio não se tomará amigo, nem mesmo depois de morto.

ANTIGONA

Não nasceram para amar, mas para amar, mas sim para amar.

CREONTE

Agora não se trata de amar, mas de amar se devem; mas, en... 525

47

quanto eu viver, não será uma mulher quem dá ordens.

Ismênia aparece à porta do palácio, acompanhada por dois escravos.

CORO

Eis Ismênia diante do palácio,
irmã querida, em lágrimas banhada;
sobre a fronte uma nuvem lhe escurece
o rosto em fogo e molha a linda face.

anap.

530

CREONTE

535 E tu, que andavas a envenenar-me sem eu o saber, tal como uma víbora que se insinuasse na minha casa, sem que eu me apercebesse de que estava a alimentar duas maldições para subverterem o meu trono, anda, diz-me lá se também afirmas a parte que tomaste nesta sepultura ou se juras não ter tido conhecimento?

ISMÊNIA

Eu pratiquei esse ato, tal como ela¹, colaborei e participo e agüento a acusação.

ANTIGONA

Porém, não te permitirá a justiça, pois nem quiseste, nem eu te dei parte nele.

540

ISMÊNIA

Mas eu não me envergonho de navegar contigo neste mar de calamidades.

ANTIGONA

De quem é essa obra, são testemunhas o Hades e os que estão debaixo da terra. E eu não prezo quem me ama só em palavras.

545

ISMÊNIA

Não me impeças, irmã, de morrer contigo e de purificar o que morreu.

48

ANTIGONA

Não queiras partilhar a minha morte nem faças teu aquilo em que não tocaste. Para morrer, basto eu.

ISMÊNIA

E que me importa a vida, se tu me deixares?

ANTIGONA

Pergunta-o a Creonte, já que com ele te preocupas.

ISMÊNIA

Porque me torturas assim? De que te serve isso?

550

ANTIGONA

Se escarneço de ti, é com dor que o faço.

ISMÊNIA

E agora, ao menos, em que posso ajudar-te?

ANTIGONA

Salva-te a ti mesma; não te invejo a fuga.

ISMÊNIA

Desgraçada de mim, então ser-me-á negado o teu destino?

ANTIGONA

Tu escollestes viver, e eu, morrer.

555

ISMÊNIA

Mas não sem que eu te dissesse o que pensava.

ANTIGONA

Para esses és tu que pensas bem; para aqueles, julgo ser eu.

ISMÊNIA

Então o nosso erro é equivalente.

49

ANTIGONA
560 Está tranqüila: tu tens vida, ao passo que a minha acabou. I... ilio,
para servir os que morreram.

CREONTE
Estas crianças, uma já há pouco me pareceu insensata, a outra foi-o
desde que nasceu.

ISMÊNIA
Perante as calamidades, ó rei, o senso que era inato não permanece,
mas afasta-se.

CREONTE
565 ...De ti pelo menos, quando optaste por praticar o mal com os possesores.

ISMÊNIA
Como posso eu viver sozinha, sem ela?

CREONTE
Não fales dela, porque ela já não existe.

ISMÊNIA
Então tu vais matar a noiva do teu próprio filho?

CREONTE
Há outros campos para lavar, de outras mulheres.

ISMÊNIA
570 Mas não com a harmonia em que ele e ela se encontravam.

CREONTE
Aborrego as mulheres perversas para os meus filhos.

ANTIGONA
Hêmon caríssimo, como o teu pai te injuriar!¹⁶

CREONTE
Por demais me aborreces, tu e as tuas núpcias.

503

CORO
Mas então tu vais privar dela o teu próprio filho?

CREONTE
Lê o Hades quem interrompe estes esposais. 575

CORO
Está decidido ao que parece, que ela morra.

CREONTE
Por ti e por mim. Não haja demora. (*Para os dois escravos*). Le-
vem-nas para dentro, escravos. A partir deste momento, têm de ser mu-
lheres, em vez de andarem livremente¹⁷. Até os valentes procuram fugir,
quando avistam o Hades a rondar a sua vida. 580

*Antígona e Ismênia entram no palácio, escoltadas pelos dois
escravos.*

CORO

Feliz quem passa a vida
sem provar a desgraça¹⁸.

Aqueles a quem os deuses

as casas abalararam,

não há mal que lhes falle;

desliza sobre a raça.

Como quando acontece

que o abismo sombrio,

pelo sopro adverso

da Trácia impellido,

passa sobre as vagas,

do pélagio marinho,

do fundo rola areia

negra, e gemem as margens,

pelo vento ululante
fustigadas de frente.

1º estr.

585

590

511

595

Da casa dos Labdácias¹⁸
as velhas maldições
eu vejo acumular-se,
umas sobre as outras.

11.

600

Nem uma geração
a outra livra, antes
algun deus a derruba,
sem remissão. Agora,
uma luz que brilhava
nas raízes extremas
do palácio de Édipo¹⁹,
dos deuses infernais
o cutelo sangrento,
a demência do verbo,
a loucura da Erinia
de novo a extingue²¹.

605

O teu poder, ó Zeus, não há arrojo humano
que possa transgredi-lo.

2^a estr.

610

Não o subleva o sono, que todos persegue²²,
nem dos deuses os meses
indefesos. És senhor do brilho fulgente do Olimpo,
sem que os anos te impeçam.
E doravante e de futuro, como outora,
esta lei prevalece:
na vida dos mortais não entra a grandeza,
sem trazer a desgraça.

615

Para muitos é vantagem a esperança errante,
para outros desgano
de loucos desejos. O homem nada sabe
sem queimar os seus pés
no fogo ardente. Era sábio quem descobriu
o famoso provérbio:

2^a ant.

625

parecer bem o que é mal, é só a quem
o deus leva à ruína.
Pouco será o tempo que ele passará
isento da desgraça.

522

Mas eis que chega Hêmon, dos teus filhos
o último rebento,
aflio com a sorte de Antígona,
a prometida esposa,
o logro temendo dos esponsais.

anap.

630

Entra Hêmon.

CREONTE

Em breve o saberemos, e por forma mais segura do que pela adivi-
nhação. (*Para Hêmon*) Filho, acaso estás aqui para atacar o teu pai, sem
prestares ouvidos ao decreto fixado acerca da tua noiva? Ou estimas-
nos sempre, em todos os nossos atos?

HÊMOM

Perceço-te, meu pai. E tu, que tens nobres pensamentos, regulas os
meus para eu os seguir. Na verdade, não há casamento algum que me
pareça superior a ser por ti orientado.

635

CREONTE

Assim, meu filho, é o que tu deves fazer — colocar a opinião pater-
na acima de tudo. Por isso os homens fazem votos por gerar e ter em
suas casas filhos obedientes, que se defendam dos inimigos com o mal e
que honrem os amigos do mesmo modo que o pai. Porém quem cria
filhos que o não o ajudam, que outra coisa poderá dizer-se dele, senão
que arranjou trabalhos para si e motivos de escárnio para os seus inimi-
gos? Por isso, meu filho, não sacudas o jugo da razão por causa do pra-
zer com uma mulher, ciente de que se tornam frígidos os amplos, e
quando a companhia de leito que se tem em casa é perversa. E que
ferida maior pode haver que ser perversa aquela a quem amamos? Des-
preza-a, deixa-a ir desposar alguém no Hades, como inimiga, que é. Em
toda a cidade, foi a ela só que eu apanhei em ato de flagrante desobedi-
ência. Não me farei passar por mentiroso perante o país. Antes vou

640

645

650

655

532

660 mata-la. Sobre isto, ela bem pode invocar o deus da consangüinidade. Porque, na verdade, se eu educar os meus parentes por nascimento a serem desordeiros, mais ainda o serão os de fora. É que quem for firme com os da sua casa, parecerá justo também na cidade³¹. De um homem assim, confio que será um dia bom governante e consentirá em obedecer, e, colocado no meio de uma tempestade de lanças, permanecerá um combatente justo e corajoso. Mas aquele que transgredir e violar as leis

663 ou pense mandar nos que detêm o poder, esse não alcançará elogios da

664-5 minha parte. Não; aquele a quem a cidade elegeu, força é que o escudem

666 em questões de pouca monta, nas justas como nas contrárias. Não há

667 calamidade maior do que a anarquia. É ela que perde os Estados, que

675 deita por terra as casas, que rompe as filas das lanças aliadas. É aqueles que seguem caminho direito, é a obediência que salva a vida a maior parte das vezes. Deste modo se devem conservar as determinações, e de forma alguma deixá-las aniquilar por uma mulher. Mais vale, quando é preciso, ser derrubado por um homem, do que sermos apodados de mais

680 fracos que mulheres.

Coro

A nós se nos afigura, se é que a idade não nos ilude, que te expri-
sensatamente sobre este assunto.

Hêmon

685 Meu pai, de quantos bens os deuses outorgaram aos homens, o racio-
cínio é o mais excelente. Nem eu poderia nem saberia afirmar que não
teus razão de falar assim. Contudo, também pode ocorrer por outra via
um pensamento aproveitável. Ora, é natural que eu vigie quanto dizem

690 ou fazem ou têm a censurar, porque o teu aspecto é terrível para o ho-
mem do povo³⁴, ante aquele gênero de palavras que te não apraz ouvir.
Mas a mim é-me dado escutar na sombra como a cidade lamenta essa
moça, porque, depois de ter praticado ações tão gloriosas, vai perecer de
tal maneira, ela, que, de todas as mulheres, era quem menos o merecia.

695 Ela, que não consentiu que o seu próprio irmão caído em combate ficasse
se insculpito, e fosse destruído pelos cães vorazes ou por alguma ave de
rapina. Não é ela digna de receber honras tão gloriosas? Tais são os
murmúrios obscuros que em silêncio se difundem. Para mim, ó meu pai,
não há bem mais precioso do que a tua felicidade. Pois que glória maior

700

54

705 pode haver para os filhos do que a prosperidade do pai, ou para o pai do
que a dos filhos? Não tenhas pois um só modo de ver: nem só o que tu
dizes está certo, e o resto não. Porque quem julga que é o único que
pensa bem, ou que tem uma língua ou um espírito como mais ninguém,
esse, quando posto a nu, vê-se que é oco. Mas não é vergonha que um
homem, ainda que seja sábio, aprenda muita coisa, e não distenda dema-
siado a corda. Bem vês que, nas torrentes inverniais, quando as árvores
cedem, os ramos se salvam: quem oferece resistência, perde-se com as
próprias raízes. Do mesmo modo, quem disceder a poderosa cordagem
da nau e não ceder em nada, há de ficar voltado para baixo, e navegat
para sempre com os bancos dos remadores virados ao contrário³⁵. Mas
domina a tua cólera, modifica o teu ânimo. Se, portanto, eu posso, apre-
sarde de mais novo, apresentar uma opinião boa, direi certamente que vale
720 mais aquele homem que por natureza é mais dotado de saber em tudo;
se, porém, assim não for — pois é costume a balança não se inclinar
para este lado — é belo aprender com aqueles que falam acertadamente.

Coro

725 Senhor, se ele dissertou com prosperidade, é natural que tu aprendas
das com ele, e tu, Hêmon, com teu pai, por tua vez; pois de ambas as
partes se disseram palavras sensatas.

Creonte

Com que então devo aprender a ter senso nesta idade, e com um
homem de tão poucos anos?

Hêmon

Nada aprenderias que não fosse justo. E, se eu sou jovem, não são
os anos, mas as ações que cumpre examinar.

Creonte

730 «As ações» consistem então em honrar os desordeiros?

Hêmon

Nem aos outros eu mandaria ter respeito pelos perversos.

Creonte

E então ela não foi atacada por esse mal?

55

HÈMON
Não é isso que afirma o povo unido de Tebas.

CREONTE
E a cidade é que vai preservar-me o que devo ordenar?

735
HÈMON
Ves? Falas como se fosses uma criança.

CREONTE
É portanto a outro, e não a mim, que compete governar este país?

HÈMON
Não há Estado algum que seja pertença de um só homem.

CREONTE
Acaso não se deve entender que o Estado é de quem manda?

HÈMON
Mandarias muito bem sozinho numa terra que fosse deserta.

740
CREONTE
Este é um aliado da mulher, ao que parece.

741
HÈMON
Se acaso tu és mulher, pois contigo me preocupo.

748
CREONTE
Pelo menos a tua argumentação era toda a favor dela¹⁶.

749
HÈMON
É de ti e de mim, e dos deuses infernais.

756
CREONTE
Tu, que és escravo de uma mulher, não estejas com branduras.

755
HÈMON
Se não fosses meu pai, diria que não estavas sendo sensato.

56

CREONTE
Ah! Grande malvado! Entrando em questão com teu pai!

HÈMON
É que te vejo falhar no cumprimento da justiça.

742
CREONTE
É erro então ter respeito pelo meu soberano poder?

743
HÈMON
Não tens respeito por ele, quando calças as honras devidas aos deuses.

744
CREONTE
Ó caráter vil! Vales menos que uma mulher.

745
HÈMON
Bem sabes que não me acharás fraco perante o mal.

746
CREONTE
A ela, não há possibilidade de a desposares ainda em vida.

747
HÈMON
Ela morre, mas ao morrer, causará a perda de alguém¹⁷.

748
CREONTE
Qué? A tua arrogância chega até às ameaças?

749
HÈMON
Em que consistem as ameaças de falar contra sentenças ocas?

750
CREONTE
Com lágrimas ganharás senso, tu que és oco de razão.

751
HÈMON
Queres falar, e, depois, não ler que ouvir.

752
CREONTE
Sim? Fora pelo Olimpo, fica sabendo que não me ultrajarás com as

57

759 tuas censuras impuneamente. (*Para os guardas*) Tagam essa abjeita cri-
760 tura, para que morra imediatamente diante dos olhos do noivo, e ao lado
dele.

HÉMON

765 Não de mim, com certeza, não o julgues jamais, nem ela perecerá
perto de mim, nem de modo algum avistarás o meu rosto, vindo-o com
os teus olhos. De forma que serás louco, sim, mas na companhia dos
amigos que o queiriam.

Sai Hémon.

Coro

Senhor, o homem partiu na vertigem da cólera; naquela idade o
ânimo é violento, quando sente a dor.

CREONTE

Que vá embora e que faça ou premedite maiores enomidades do que
qualquer homem; mas as duas mulheres, não as livrará do seu destino.

Coro

770 Pensas então em mandar matar a ambas?

CREONTE

Não! que lhe tocou. Dizes bem, realmente.

Coro

E de que maneira delibera malá-la?

CREONTE

775 Levá-la-ei para onde o caminho estiver deserto de pegadas huma-
nas, e ocultá-la-ei viva numa caverna escavada na rocha dando-lhe de
alimento só o necessário para fugir ao sacrilégio, a fim de que a cidade

evite qualquer contaminação⁴⁸. E aí, se ela pedir ao Hades — único dos
deuses que vencia -, talvez lhe seja concedido não morrer, ou ficará
finalmente a saber, embora tarde, que prestar culto a esse deus é traba-
lho escusado.

Sai Creonte⁴⁹.

Coro

Eros invencível no combate,
Eros que as riquezas destróis,
que estas de vigília às faces tenras
da donzela,
vagueias sobre o mar e nos campos!

785 Não te evitou nenhum dos deuses
nem dos humanos de curta vida:
quem te possui
enlouquece.

1.º ant.

790 Tu desvias dos justos o ânimo,
fá-los injustos para o seu mal,
tu, que excitaste esta contenda
nos parentes;
vence, porém, da formosa noiva
a luz brilhante do seu olhar⁵⁰,
das grandes leis par no poder; ri-se⁵¹,
invencível
800 Afrodite.

Antígona sai do palácio, escoltada por guardas.

795 Mas ao ver isto,
até eu sou levado para fora das leis,

anap.

805 das lágrimas não posso a torrente deter,
quando vejo do tálamo a todos comum
Antígona
aproximar-se.

2ª estr.

810 Vêde vós, cidadãos, do meu país⁸¹,
como eu percorro o último caminho,
como do Sol contemplo
a luz derradeira, para nunca mais.
O Hades, que todos recebe, às margens
do Aqueronte⁸² me leva com vida,
sem que do himeneu
ouvissse os cânticos, nem me entosssem
o hino nupcial.
Só de Aqueronte serci esposa.

CORO

anap.

820 Ilustre e coberta de elogios,
te afastas para o caminho dos mortos,
sem que a doença te ferisse,
consumindo-te,
nem que te coubesse das espadas
o salário;
mas por t⁸⁴,
única viva entre os mortos,
ao Hades descerás.

ANTIGONA

2ª ant

825 Há muito eu ouvi que a filha de Tântalo,⁸⁵
a Frígia estrangeira, no monte Sipilo,
teve morte horrível,
quando a pedra, crescendo, a venceu,
como hera agarrada; e agora
não a deixa nunca a chuva ou a neve,
- é fama entre os homens -,
consome-se; e os olhos, sem cessar,

830

o peio llic umedeceem.
Em sorte igual me envolve o destino.

CORO

anap.

835 Mas essa era deusa, de deuses filha;
e nós, mortais, de mortais descendemos,
E belo será que, depois de morta,
tu sejas famosa,
porque igualaste dos deuses a sorte⁸⁶,
na vida e na morte.

ANTIGONA

3ª estr.

Ai de mim, como me escarnecem!
Pelos deuses da nossa terra,
porque não me insultas depois de eu partir,
mas na minha presença?

840

Oh! Minha cidadel!

Oh! Da minha cidade varões poderosos!

845

Ai fontes Dirceias⁸⁷

e de Tebas dos belos carros
recinto sagrado!

O vosso testemunho invoco ainda assim,
como sem lágrimas amigas

e sob que leis

vou para prisão tumular
de estranho sepulcro.

850

Ai de mim, desgraçada,
que nem com os homens nem com os cadáveres
eu vou habitar⁸⁸!

CORO

Do arrojo avançado até o extremo limite,
contra o trono excelsso da Justiça,
embateram, ó filha, teus passos⁸⁹.
Dos antepassados alguma falta expias.

855

ANTIGONA

3ª ant.

Tocaste no mar⁹⁰ o teu rosto

860

de meu desgosto: pelo meu pai,
por todo o destino dos ilustres Labdácidas
o triplice lamento⁹⁰.

865

Ai das maldições
do leito materno e união de meu pai
de infeliz mãe

com quem a si mesmo gerara!

De que pais nasci
eu, desgraçada! Para junto deles eu vou,
inútil, amaldiçoada,

eu que aqui estou,
ser a sua companheira.

Ai! Ó meu irmão,
umas núpcias fazeis

foste celebrar!⁹¹

870

E depois de morto
a mim me mataste,
quando ainda vivia!

875

Coro
A piedade é digna de respeito,
mas o poder, para quem o detém,
não deve jamais ser transgredido.
De teu ânimo a teimosia te perdeu.

ANTIGONA

Sem lágrimas, sem amigos,
sem hincneu, desgraçada,
pelo caminho que me espera
sou levada.

880 Da luz o disco sagrado
não posso mais, infeliz,
contemplar.

A minha sorte, sem pranto,
amigo algum a lamenta.

Creonte, com os seus guardas, sai do palácio.

62

CREONTE

Sabeis, sem dúvida, que, se houvesse utilidade em entoar cantos e
gemidos antes de morrer, ninguém se calaria nunca? Porque tardam a
levá-la? Encerrem-na num túmulo abobadado, como eu disse, e depois
deixem-na só e isolada, quer ela deseje morrer ou viva emparedada em
tal reduto. Nós estamos puros pelo que toca a esta donzela, pois não
ficará privada da habitação dos de cá de cima.

ANTIGONA

Ó meu túmulo e meu tálamo nupcial, ó lar cavado na rocha que me
guardarás prisioneira para sempre! Para aí avanço ao encontro dos meus,
de que Perséfone⁹² recebeu o maior número entre os mortos, dentre eles,
restava eu, em muito a mais perversa; a caminho já vou, antes que se
tivesse cumprido o destino da minha vida. Espero, porém, confiadamen-
te, que, ao chegar, serci bem-vinda para o meu pai, e querida para ti,
minha mãe, e cara a ti, meu irmão, pois quando morrestes, eu, pelas
minhas próprias mãos, vos lavei e adomei, e derramei sobre o túmulo as
libações. E agora, Polínicos, por ter dado sepultura ao teu corpo, obce-
nho esta recompensa.

[E contudo, eu soube bem honrar-te, aos olhos dos que pensam
bem. Pois nem que eu fosse uma mãe com filhos, nem que tivesse
um marido que apodrecesse morto, eu teria emprehendido estes tra-
balhos contra o poder da cidade. Mas em atenção a que princípio é
que eu digo isto? Se morresse meu esposo, outro haveria, e teria um
filho de outro homem, se houvesse perdido um. Mas estando pai e
mãe ocultos no Hades, não poderá germinar outro irmão. Por eu ter
preferido honrar-te, devido a este princípio, é que eu apareci aos
velhos de Creonte como culpada e ousada, ó meu caro irmão! E agora
ele tem-me nas suas mãos, e leva-me, privada de tálamo, privada do
hincneu, sem me terem tocado em sorte os esponsais nem a criação
de filhos, mas vai esta infeliz, abandonada pelos amigos, ainda viva,
para os sepulcros dos mortos].⁹³ Quai foi a lei divina que eu trans-
gredi? Porque hei, ai de mim, olhar ainda para os deuses? Quem
invocarai para me valer, já que por usar de piedade fiquei possuída
de impiedade?

Mas se esta pena é bela aos olhos dos deuses, só depois de a
termos sofrido poderemos reconhecer que erramos. Se, porém, são

63

eles que erram, que eles não sofram maiores males do que aqui que me forçaram, fora da lei.

930 **Coro**
Dos ventos as mesmas rajadas
lhe dominam ainda a alma. anap.

CRONTE
Haverá para os que a levam,
tão lentos, queixas que sobrem.

ANTICORA
Ai de mim! Que essas palavras
já tocam na morte.

935 **CRONTE**
Não te exorto a que tenhas confiança
que o teu destino se cumpira de outra feição.

ANTICORA
Ó cidade paterna,
do solo de Tebas,
ó deuses ancestrais,
levam-me, já não aguardo mais.
Vêde, ó príncipes de Tebas,
eu, que da casa real
sozinha restava,
o que sofro da parte de tais homens,
porque à piedade prestara culto.

Os guardas levam Antígona?

Coro
Também de Danae? sofreu o corpo

1.^a estr.

64

945 Trocar a luz do céu por brônzeo aposento;
e em túmulo sepulcral foi subjugada.

Nobre era, porém, sua linhagem,
ai filha, minha filha!

950 Os rebentos de Zeus, da chuva de ouro filhos,
deu à luz. Terrível é essa força
do destino chamada?

A ela não podem fugir nem a riqueza,
nem Ares, nem torres ou os negros navios
baidos pelo mar.

1.^a ant. 955
E de Diante o filho impetuoso",
o rei dos Edones, foi também subjugado
por sua fúria contudente e metido
por Dioniso em pétra prisão;

960 assim passou a fúria
horível e a cólera possante. Esse
só conheceu o deus quando em delírio,
com palavras cortantes,

965 o atacou. Pois a fúria das mulheres
e o fogo sagrado buscara impedir,
e as Musas sonoras?"

2.^a estr.

970 E junto das Rochas Negras",
nas águas dos dois mares,
ficam as margens do Bósforo,
e Salmidessos da Trácia",
onde Ares, seu vizinho",
viu a ferida maldita,

975 por essa esposa selvagem
de Fíneu cegar os filhos ambos",
fazendo nas órbitas dos olhos
trevas que só clamam por vingança,
com as mãos sangrentas e a ponta da lançadeira
os dilacerando.

Penando choravam, tristes,
o seu triste sofrimento,

2.^a ant.

65

980

esses filhos de uma mãe
de funestos esposais.
Aos ancestrais Erectidas¹¹

remontava a sua raça,
e em cavernas distantes,
em meio das pátrias tempestades
de Bóreas¹² se criara, veloz
como um cavalo, nos altos montes,
essa filha dos deuses. Mas as velhas Parcas¹³
venceram-na, ó filha.

985

Entra o adivinho Tirésias, guiado por um rapaz.

TIRÉSIAS

990 só o que vê, pois a maneira de andar dos cegos é ter alguém que os guie.

CREONTE

Que há de novo, ó velho Tirésias?

TIRÉSIAS

Eu te ensinarei, e tu obedece ao profeta.

CREONTE

Dos teus conselhos não me afastei até agora.

TIRÉSIAS

Por isso guiavas por caminho direito a nau do Estado¹⁴.

CREONTE

995 Apreciei a tua ajuda e disso posso dar testemunho.

TIRÉSIAS

Pensa que estás agora no gume da espada do destino.

666

CREONTE

Que há? Como eu tremo perante as tuas palavras!

TIRÉSIAS

Sabê-las, escutando as indicações da minha arte. Dirigindo-me eu para o lugar velusto donde se observam os pássaros¹⁵, onde eu tinha o porto de abrigo de todos os seres alados, ouço um som das aves descoberto, ouço-as a gritar com fúria penosa e vozes bárbaras. Percebi que se dilaceravam umas às outras com as garras, de uma maneira sangrenta; o barulho das asas não era, na verdade, desprovido de significado. Imediatamente, cheio de tenor, experimentei os sacrifícios do fogo, em altares todos em chamas¹⁶, e dentre as brasas não brilhou Hefestos¹⁷, mas sobre as cinzas os humores pútridos das coxas das vítimas exsudaram, fumearam e crepitaram, o fel espalhava-se nos ares e as coxas gotejantes desnudavam-se da gordura que as ocultava. Esvalta-se a minha possibilidade de adivinhação daqueles ritos que não davam sinais. Tal foi o que eu soube por este rapaz, [oráculos que falhavam, porque os rituais não davam sinal¹⁸], pois ele é o meu guia, como eu o sou para os outros. É esta a enfermidade que o teu conselho causa ao Estado; é que os nossos altares e braseiros todos estão poluídos pelas aves e cães que comemam do infeliz filho de Édipo, que jaz no lugar onde caiu. E depois os deuses não aceitam da nossa parte as súplicas que acompanham os sacrifícios, nem a chama das oferendas, [nem as aves soltam gritos de bom augúrio,] pois devoraram a gordura do sangue de um homem morto.

1015

1020

1025

1030

Reflete pois nisto, meu filho. Errar é comum a todos os homens. Mas quando errou, não é imprudente nem desgraçado aquele que, depois de ter caído no mal, se emenda e não permanece obstinado. A teimosia merece o nome de estupidez. Anda, cede diante do morto e não batas num cadáver. Qual é a valentia de matar de novo quem já morreu? Por pensar no teu bem é que eu falo. Nada mais agradável do que atender quem fala por bem, se é vantajoso o que diz.

CREONTE

Ó ancião, todos vós sois como arqueiros que atiram para este homem como para um alvo, e a vossa arte de adivinhar não me deixou incólume. A raça dessa gente já me vendeu e exportou há muito, como

1035

667

1040 uma mercadoria. Tirai lucros, negociai com o âmbar de Si-
quiserdes, e o ouro da Índia, que a ele não o ocultareis num sepulcro, e
nem mesmo que as águas de Zeus quissessem levá-lo como sua presa,
arrebatando-o para o trono do deus. Nem mesmo temendo isso como um
motivo de poluição, eu o entregarei à sepultura. Porque eu bem sei que
nenhum homem tem o poder de manchar os deuses. E caem de uma
maneira vergonhosa, ó velho Tíresias, mesmo aqueles dentre os mortais
que são mais sábios, quando dizem com arte palavras baixas, com a
mira na ganância.

TÍRESIAS

Ah! Por ventura há algum homem que saiba, algum que pense...

CREONTE

Quê? Que verdade é essa comum a todos os homens?

TÍRESIAS

1050 Quanto mais vale prudência do que riqueza?

CREONTE

Tanto, penso eu, quanto maior for o prejuízo da insensatez.

TÍRESIAS

É dessa doença que estás afetado.

CREONTE

Não quero dar uma resposta rude ao adivinho.

TÍRESIAS

E, contudo, já estás a fazê-lo, quando asseveras que eu profetizo
falsidades.

CREONTE

1055 Gananciosa é toda a raça dos adivinhos.

TÍRESIAS

É: a dos tiranos gosta dos lucros desonestos.

68

CREONTE
Acaso sabes que, digas o que disseres, estás a falar contra quem
está no poder?

TÍRESIAS

Sei, pois graças a mim é que salvaste esta cidade.

CREONTE

És um adivinho sábio, mas que gosta da injustiça.

TÍRESIAS

Vais incitar-me a revelar um segredo que devia deixar intacto na
minha alma. 1060

CREONTE

Toca-lhe; somente não fales com a mira no lucro.

TÍRESIAS

Com que câão, pelo teu lado, é isso que te parece?!

CREONTE

Fica a saber que não negociarás com as minhas resoluções.

TÍRESIAS

Convence-te bem de que já não verás cumprir-se muitas revolu-
ções sucessivas do Sol, antes de teres dado alguém, saído das tuas pró-
prias entranhas — um cadáver em troca de outros —, em pagamento por
teres atremessado lá para baixo quem era ainda cá de cima, e de com
desprezo teres encerrado num túmulo uma vida, e de conservares aqui
um cadáver que pertence aos deuses infernais, sem a sua parte de
oferendas, sem rituais, sem purificações. Neles não tens parte, nem os
deuses celestes, mas a tua conduta é uma violência. Por esse motivo, as
Erínias² do Hades e dos mortos, essas potências de destruição após o
crime, estão de emboscada, à espera de que sejas apanhado pelos mes-
mos males que eles. Considera também se eu digo isto por suborno: não
demorará muito tempo que surjam no teu palácio gemidos de homens e
de mulheres³. Todas as cidades se agitam agressivas, as daqueles cujos
restos dilacerados ou os cães ou as feras ou quaisquer aves aladas polu- 1080

69

1085 iram, levando o cheiro impuro para a pátria dos seus lares⁹¹.
Como um arqueiro, atirei com ira, pois me affligiste, estas setas firmes da alma, a cujo ardor não poderás escapar.

(*Para o rapaz*) Ó filho, leva-nos a casa, a fim de que este homem abraque a sua exallação contra os mais jovens, e aprenda a conservar a lingua mais tranquilla e o espirito mais elevado na sua alma, do que agora traz.

Sai Tirsias, guiado pelo rapaz.

1095 O homem partiu, senhor, depois de ter profetizado coisas terriveis. E nós sabemos, desde que este nosso cabelo, de negro, se tornou em branco, que jamais ele disse falsidades que acontecessem ao péso.

CREONTE
Também eu o reconheço, e a minha alma está agitada. (1095) É terrivel, mas está imminente a desgraça para calcar aos pés a resistência⁹².

CORO
É preciso usar de prudência, ó filho de Menecceu.
CREONTE
Que devo então fazer? Explica-te, que eu obedeco.

1100 VAI DAR ORDEN PARA TRAZER A DONZELA DA MANSÃO SUBTERRÂ
um tumulto áquêle que jaz por terra.

CREONTE
E é isso que tu aprovas? É conveniente ceder?
CORO
Sim, e o mais depressa possível, senhor, porque os

708

deuses, com pés velozes, vêm atalhar o caminho aos maldosos.

CREONTE
Ai de mim! É a custo que o faço, mas abandono o meu propósito para ceder. Não se deve combater contra o destino. 1105

CORO
Vai então fazê-lo, e não delegues em outrem.

CREONTE
Irei já, assim como estou. Ide, ide, servos, os presentes e os ausentes, tomai nas mãos os machados e precipitai-vos para o lugar que ali védes. 1110

Eu, desde que o meu parecer se modificou neste sentido, assim como a preendi, também irei junto dela para a libertar. Receio que o melhor seja observar as leis estabelecidas até ao termo da vida.

Creonte sai com os seus guardas.

CORO
Ó tu que tens muitos nomes,
glória da filha de Cadmo⁹³,
riva de Zeus tonitrante,
tu que a inclita Escália⁹⁴
proteges, e tens cura dos vales hospitaleiros
de Deméter Eleusinia⁹⁵,
ai! ó deus Bacol!
1120

Tu, que em Tebas habitas,
das Bacantes⁹⁶ a metrópole,
junta da torrente úmida
do Ismeno⁹⁷ e por cima
donde está a semente
do dragão feroz!⁹⁸
1125

Sobre a cithara de dois cumes

2^a ant.

710

os fumegantes brandões,¹⁰¹
te têm visio, onde andam
as corcias, bacantes
Ninfas, e a Fonte Castália¹⁰⁴.
Das montanhas de Nisa¹⁰⁵
os pendores cheios de hera
são teu cortejo,
e as verdes margens cobertas
de vinhedos, quando o grito
soltam de — Evoé! —¹⁰⁶
os divinos companheiros,¹⁰⁷
porque as ruas de Tebas
vais visitar.

1135

Dentre todas as cidades
é esta a que mais honras,
com tua mãe fulminada¹⁰⁸.

2.º estr.

1140

E agora,
que uma afeição violenta
lhe ataca todo o povo,
vem com passo que nos cure
pela encosta do Parnasso
ou pelo estreito marulhante¹⁰⁹.

1145

Ó tu que reges a dança
dos astros ignispirantes*,
senhor das vozes da noite!¹¹⁰

3.º ant.

1150

Aparece,
ó filho de Zeus, meu príncipe,
com a tua comitiva
de Tiades¹¹¹, que em delírio
dancam a noite inteira
por Iaco¹¹², o seu senhor!

Entra o mensageiro.

* Nota do Editor: Inspirados pelo fogo.

72

MENSAGEIRO
Ó vós que habitais junto do palácio de Cadmo e de Antíon¹¹³, não
há situação na vida humana que eu de algum modo preze ou deprecie,
como coisa fixa. Pois que a fortuna dirige e a fortuna faz balançar sem-
pre a felicidade e a infelicidade. E ninguém pode ser profeta sobre a
humana condição. Outrora, Creonte era digno de inveja, a meu ver, pois
tinha salvo dos inimigos este país de Cadmo e, depois de ter assumido o
poder único e total desta terra, governava-a, prosperando na descendên-
cia nobre de seus filhos. E agora tudo se lhe foi. Pois, quando os homens
alienaram o prazer, acho que deixaram de viver, apenas trazem um cadá-
ver animado. Suponhamos, se quiserem, que se é muito abastado em
casa e se vive à maneira de um rei: se a isso se retirar a alegria, o que
resta eu não o compraria a um homem pelo preço da sombra do fumo,
em comparação com a felicidade.

1155

1160

1165

1170

CORO

E que pesado fardo para os reis é esse, que tu vens anunciar?

MENSAGEIRO

Morreram — e os vivos são dessa morte culpados.

CORO

E quem é o assassino? Quem é a vítima? Diz.

MENSAGEIRO

Hémon morreu. Sangra por obra de uma mão que não é estranha.

CORO

Do pai ou da sua família?

MENSAGEIRO

Ele a si mesmo, irado com o crime do pai.

CORO

Ó adivinho, como as tuas palavras se cumpriram exatamente!

MENSAGEIRO

As coisas são assim, e sobre elas há que deliberar.

73

Euridice sai do palácio.

Coro

1180 Eis que vejo perto a desgraçada Euridice, esposa de Creonte. Ela aqui está, ou porque de dentro do palácio ouviu falar do filho, ou porque passou por acaso.

Euridice

1185 Cidadãos todos que aqui estão, percebi as vossas palavras, quando avançava para a porta, a fim de dirigir preces à deusa Palas¹⁴. Por acaso, no momento em que levantava a tranca do portal para o abrir, chegaram-me aos ouvidos vozes de desgraça familiar, com o terror, caio para trás

1190 nos braços das escravas e perco o sentido. Mas vós contais outra vez a história: não sou pessoa inexperiencede da desgraça: escutarei.

MENSAGEIRO

1195 Contarei, minha cara-ama, pois estava presente, e não omitirei uma só palavra da verdade: Pois para que havia eu de atenuar aquilo que mais tarde nos faria passar por mentirosos?

A verdade está sempre certa.

1200 Eu fui com teu esposo, como seu guia, até ao extremo da planura; aí jazia ainda, sem que ninguém o lamentasse¹⁵, e dilacerado pelos cães, o corpo de Polinices. Rogamos à deusa dos caminhos e a Pluão¹⁶ que, propícios, deivessesem suas iras, lavámo-lo com pia unção, envolvemo-lo em ramos colhidos de fresco, depois queimamos o que restava¹⁷. E, após termos erguido um túmulo elevado, dirigimo-nos então para o aposento nupcial¹⁸ da donzela, uma caverna infernal, com chão de lagado.

1205 De longe, alguém ouve o som de autênticos gemidos junto daquele quarto nupcial sem ritos funerários, e, de regresso, anuncia-o ao rei Creonte. À medida que ele se aproxima cada vez mais, passam também em sua vida sinais indistintos de um grito de desgraça, e, gemendo, despede estas palavras lamentosas: — Ó desgraçado de mim, estarei eu a adivinhar? Acaso avanço pelo mais malfadado caminho de quantos tenho percorrido?

1215 A voz do meu filho acarícia-me. Mas, ó servos, acercai-vos depressa. Quando lá chegardes, examinai o ^{cor}nultero, no ponto onde as pedras foram retiradas¹⁹. Introduzi-vos ^{para} lá, a ver se eu reconheço a

voz de Hêmon ou se sou iludido pelos deuses —. Estas foram as palavras do nosso exaltado amo. Vamos ver: no interior do túmulo avistamos a suspensão pelo pescoço, presa pelo laço de um tecido fino. Ele, agarrado a ela com os braços apertados em volta, lamentava a destruição da sua noiva do além, a ação do seu pai e a desgraça das suas nupcias. O rei, assim que o viu, soltando um grito amargo, corre para dentro, em direção a ele, e chama-o com um lamento: — Ó desgraçado, que fizeste? Que pensamentos eram os teus? Que acontecimento te privou da razão? Sai daí, filho, é com súplicas que te peço —. O filho lança-lhe um rápido e fero olhar, cospe-lhe no rosto, e, sem nada responder, puxa dos copos* da espada, mas não atinge o pai, que se precipita na fuga. Em seguida, o desventurado, furioso consigo mesmo, tal como estava, coloca-se sobre o montante, apoia-o contra o seu flanco até a metade e, ainda lícido, atrai a donzela aos seus braços a desfalecer. Arquejante, lança uma torrente velloz de sangue gotejante nas brancas faces. Jaz um cadáver ao lado do outro, depois de ter recebido, desgraçado, os ritos dos esponsais na mansão do Hades e de ter demonstrado que a reflexão é o maior de quantos males se deparam aos humanos.

Euridice entra no palácio, em silêncio.

Coro

12 Que te parece isto? A senhora retirou-se de novo, antes que dissesse uma só palavra, para bem ou para mal.

MENSAGEIRO

12 Também eu estou estupefato. Outro, porém, a esperança de que, depois de saber da fatalidade do filho, não irá soltar gritos perante a cidade, mas antes lá dentro, sob o seu teto, exporá o desgosto familiar às suas escravas, para o chorarem. Nem ela é tão desprovida de discernimento que cometa um erro.

Coro

12 Não sei. A mim, contu^{ri} silêncio em demasia parece-me de

* Nota do Editor: A parte da espada

a mão.

mau augúrio, tanto quanto um vão alarido.

MENSAGEIRO

Mas vamos dentro de casa e saberemos se na verdade encobre alguns designios ocultos no seu agitado coração. Dizes bem, realmente: de alguma forma, há um mau augúrio no seu silêncio.

O Mensageiro entra no palácio.

CORO

Mas eis que avança o próprio rei,
trazendo nas mãos a prova evidente
- se é lícito dizê-lo -
de que o erro foi seu, de mais ninguém.

anap.

Creonte entra pela esquerda, acompanhado por servos, e com o cadáver de Hémon nas braças¹²⁸.

CREONTE

Aii!

Pecados de uma mente dementada,
fatais, obstinados!
Ó vós que védes ser da mesma raça
quem mata e quem morre!
Ai das minhas malditas decisões!
Ai, filho, com destino prematuro,
ai! ai!
morreste, partiste,
na juventude, por insensatez,
não tua, mas minha!

1^o est.

CORO

Aii! Como parece que só tarde vés o que é justo!

76

CREONTE

Aii de mim!

2^o est.

Aprendi, desgraçado!
Na minha cabeça o deus
desferiu pesado golpe,
incitou-me aos caminhos cruéis,
derrubando-me, ai de mim!
espezinhando a alegria.
Oh! As penas dolorosas dos mortais!

1275

Um Mensageiro sai do palácio.

SEGUNDO MENSAGEIRO

Meu amo, dir-se-ia que viste aqui como quem já tem e ainda possui mais, pois trazes uma desgraça nas mãos, e em casa irás ver outra brevemente.

1280

CREONTE

E que mal pior do que estes há ainda?

SEGUNDO MENSAGEIRO

A tua mulher, a verdadeira mãe desse cadáver, desgraçada, morreu sob golpes vibrados há bem pouco.

CREONTE

Aii!

1^o ant.

Ai, porto do Hades insaciável!!!
Porque me desgraças,
porquê? Tu que me trouxeste notícias
de fatal desgraça.
Que palavras dizes? Um morto ferre!
Que dizes, filho, que contas de novo,
ai! ai!
que da minha esposa
jaz também o corpo dilacerado
nesta mortandade?

1285

1290

f

*As portas do palácio abrem-se para deixar o cadáver de Eurídice!*¹²¹.

SEGUNDO MENSAGEIRO

Está à vista; já não se encontra no interior!¹²¹.

CREONTE

2.º ant.

1295

Ai de mim!
Infeliz, que já vejo
segunda calamidade!

Que desgraça, que desgraça
pode ainda aguardar-me? Nas mãos,
há pouco, o filho, coitado!
Já na frente outro cadáver!

1300

Ai, ai, mãe miseranda, ai, meu filho!

SEGUNDO MENSAGEIRO

1305 A senhora, junto do altar, com a espada afiada¹²⁴, deixa que as suas
pálpebras façam trevas; geme sobre o destino glorioso de Megareu¹²³,
morto outrora, e depois novamente pelo deste que aqui está; depois in-
voca as mais terríveis desgraças sobre ti, assassino de teus filhos.

CREONTE

3.º estr.

Ai! Ai!

Tremo de horror!
Porque não me atravessam o peito
com uma espada afiada? Misericórdia
que eu sou! A miséria e a angústia
confundem-se comigo.

1310

SEGUNDO MENSAGEIRO

A tua culpa para com este filho e para com o outro denunciou-a a
morta que aqui está.

CREONTE

De que maneira deixou ela a vida no meio do sangue

278

SEGUNDO MENSAGEIRO
Com as próprias mãos se atingiu no coração, quando percebeu as
nossas lamentações de agudos gritos pelo seu filho. 131

CREONTE

4.º estr.

Ai de mim! não pode ser jamais a minha sorte
a outro mortal adaptar-se, e a mim
deixar-me sem culpa!

Fui eu, que te matei, ó desgraçada,
fui eu, esta é a verdade. Ai, ó meus servos,
levai-me sem demora, para longe me levai,

a mim que não sou
mais do que o nada.

132

132

Coro

Vantajosos são os teus conselhos, se é que na desgraça alguma van-
tagem pode haver. Quando o mal está iminente, quanto mais depressa,
melhor.

CREONTE

3.º ant.

Sim! Sim!
Que surja para mim
a sorte mais bela, o dia trazendo
derradeiro, e para mim suprimento.
Que venha, sim, que venha e que eu não veja
o dia nunca mais!

1331

Coro

Isso ao futuro pertence. Mas com os que aqui jazem algo há a fazer.
(O resto importa só àqueles que disso têm cuidado.)¹²⁵

133:

CREONTE

Mas, pelo menos, todo o meu desejo o pus nesta oração.

Coro

Não, não impleres ninguém; aos mortais não é dado libertar-se do
destino que lhes incumbe.

279

CRONTE

1340 Levai, sim, levai para longe este homem
tresloucado, que sem querer te matou, filho,
e a ti também!

4^a ant.

1345 Ai de mim, desgraçado, não sei para qual
hei de olhar, a quem apoiar-me!¹⁷, pois tudo
que tenho nas mãos está abalado; sobre mim
impende um futuro
que não se suporta.

Creonte é levado para o palácio.

ORO

1350 Para ser feliz, bom senso é mais que tudo.
Com os deuses não seja impio ninguém.
Dos insolentes palavras infladas
pagam a pena grandes castigos;
a ser sensatos os anos lhe ensinaram.

anap.

NOTAS •

NOTAS DA INTRODUÇÃO

1. Das sete tragédias conservadas de Sófocles, apenas duas possuem data certa: *Filoctetes* (409 a.C.) e *Édipo em Colono*, representado postumamente em 401 a.C. De um modo geral, a discussão da maior antiguidade centra-se em *Antígona*, *Ajax* e *Traquínias*. Entre a primeira e a segunda há um pormenor técnico que tem sido considerado por muitos indicio de composição mais tardia — o uso de *amílabes*, ou seja, divisão de um verso entre dois atores. Por outro lado, a estrutura do párodo de *Ajax* está mais próxima do modelo de Ésquilo. Sobre a terceira em especial, vide E. R. Sewinge, *Die Stellung der Trachinerinnen im Werk des Sophokles*, Goettingen, 1962.
2. K. Reinhardt, *Sophokles*, p.251, considera-a uma anedota (embora com fundo de verdade), destinada a realçar o apego dos Atenienses pela arte dramática. Mais recentemente, R. P. Winnington-Ingram, *Sophocles. An Interpretation*, p. 341, escreve: «Diz-se que Antígona foi responsável pela eleição de Sófocles para general em 440, o que, verdadeiro ou falso, não teria sido dito a monarca...»

- na linha seguiu M. Pohlenz, *Die griechische Tragödie*, I, pp. 197-198.
39. *Stasimon*, Berlin, 1933, pp. 123 sqq.
 40. *Sophocles the Dramatist*, Cambridge, 1966, pp. 112-114
 41. *The Chorus in Sophocles' Tragedies*, p. 103
 42. *Vision and Stagecraft in Sophocles*, p. 89. Já dissera A. Lesky, *Die tragische Dichtung der Hellenen*, p. 197, que a ligação mais próxima deste canto com o todo está na delimitação das normas éticas perante as quais se desenrola a oposição entre as exigências dos deuses e as do Estado.
 43. Cf. C. Segal, *Tragedy and Civilization: An Interpretation of Sophocles*, p. 168; H. Rohlfel, *Antigone*, p. 74.
 44. *Vorlesungen ueber Philosophie der Religion* 11.2, 11.3. a, e *Asthetik* 11.2.1.
 45. "Polis und Hades in der Antigone des Sophokles" in: *Theologische Aufsätze Karl Barth zum 50. Geburtstag*, Meuchel, 1936, 78-79 = *Glauben und Verstehen*, Tübingen, 1952, II, pp. 20-31 = *Sophokles* (Hrsg. Hans Diller, Wege der Forschung, Darmstadt, 1967, pp. 311-324. A citação é da p. 311 da terceira reimpressão.
 46. *Sophokles* (1933, 1947). A citação é da p. 75.
 47. *Antigone*, pp. 11-12. Deste modo se atinge a conclusão, referida nas páginas anteriores, de que só Antigona pode ser a verdadeira e única protagonista.
 48. *The Heroic Temper*, especialmente pp. 77 e 102.
 49. *Tragedy and Civilization. An Interpretation of Sophocles*, p. 152.
 50. *Vision and Stagecraft in Sophocles*, p. 85.
 51. *Antigone*. As citações são, respectivamente, de pp. 37, 225, 227, 230 e 232
 52. Fr. 44 A 12 Diels (tradução na *Melade*, Coimbra, 1982, p. 260). Sobre esta antinomia, vide F. Heinmann, *Nomos und Physis. Herkunft und Bedeutung einer Antithese in griechischen Denken des 5. Jahrhunderts*, Schweizerische Beiträge zur Altertumswissenschaft, Basel, 1965, e ainda G. B. Kerford, *The Sophistic Movement*, Cambridge, 1981, pp. 111-130.
 53. Assim o vira já Aristóteles, *Retórica* 1375a (cf. 1373b), precisamente em relação a *Antigona*.
 54. *The Heroic Temper*, pp. 94-98 e p. 183, nota 24.

336

55. Cf. Burton, *The Chorus in Sophocles' Tragedies*, p. 102.
56. Assim é que Aquiles, no Canto XXIII da *Iliada*, é advertido em sonhos por Pátroclo de que deve efetuar os funerais do amigo, porque a sua *psyche* anda errante, sem poder transpor os portões do Hades.
Na tragédia que nos ocupa, não se trata só do cumprimento de uma prática consagrada, mas também, como acentuou Killo, *Form and Meaning in Drama*, pp. 148-149, do horror físico ao tratamento ultrajante de um corpo amado.
57. *Die griechische Tragödie*, I, pp. 190-191.
58. Cf. G. M. Kirkwood, *A Study of Sophoclean Drama*, p. 221.
59. Outro aspecto dessa riqueza é o número de imitações a que deu origem. Sobre o assunto existe já um livro inteiro, o de Simone Fraisse, *Le mythe d'Antigone*, Paris, 1974, que engloba teatro, narrativa, poemas, música, dança, filmes, e conclui, na p. 167: "No mundo ocidental, a interpretação do seu ato é inseparável da história política dos dois últimos séculos." À lista apresentada, haveria que juntar três obras portuguesas: a *Antigona* de António Sérgio (1930), a de Júlio Dantas (1946) e a de António Pedro (1954).
60. 1ª edição: Coleção Amphitheatrum, I, Porto, Centro de Estudos Humanísticos (anexo à Universidade do Porto), 1958. 2ª edição: Coleção O Grande Teatro do Mundo, Coimbra, Atlântida, 1968.

NOTAS DO TEXTO

1. A sucessão de calamidades é pormenorizada adiante por Ismênia, vv. 49-57.
2. No texto há uma *crux*, já notada por Dillino. Efetivamente, a sequência de três adjetivos substantivados é quebrada pelo sintagma *ἀτρυς ἀτρυς*. Mueller propõe uma emenda que tem por si a dificuldade: *ἀτρυκέλης*, «desprezado», forma documentada, em sentido ativo, no fr. 184 Nauck de Eurípedes. Mas, como escreve Dawe no seu aparato crítico, *emendatio nulla arripit*.
3. Damos a versão do texto tal como vem nos manuscritos e como

374

- Dawe a imprime. Na emenda adotada por Jebb, scri. . . . a reia observância da justiça e da lei».
4. O v. 46 foi considerado espírito por Didimo e também por Dawe. Parece-nos, todavia, de manter a opinião de Jebb, de que a quebra da esticomítia não é de enjugar, e, por outro lado, de que «estes dois versos exprimem a resolução em volta da qual gira a peça», como escreveu aquele helenista. Tanto Mueller como Kamerbeck entendem também que deve conservar-se.
5. Um oráculo havia profetizado que Édipo havia de matar o pai e desposar a mãe; por isso, esta, logo que o filho nasce, o manda expor numa montanha; mas um pastor salva a criança e entrega-a a outro pastor, que a leva ao Rei de Corinto, por quem é adotada como filho. Já tomado homem, Édipo tem um dia conhecimento da profecia; para evitar que ela se realize, abandona Corinto. Mas, ao chegar a uma encruzilhada próxima de Tebas, tem uma questão com um desconhecido, a quem mata; depois, decifra o enigma da esfinge, e recebe como recompensa da cidade a mão da rainha e o trono vazio de Tebas. Anos mais tarde, os fatos revelam que o desconhecido era na verdade o seu pai e a rainha, a mãe. Ao compreender a terrível realidade, o herói cega-se, desesperado. Esta parte do mito será tratada por Sófocles, muito tempo depois, no *Édipo Rei*. A miserável vida de exilado de Édipo, acompanhado por Antígona, até acabar os seus dias em Atenas, será o assunto da sua obra póstuma, *Édipo em Colono*.
6. Jocasta suicidara-se, ao ter conhecimento da verdadeira identidade daquele estrangeiro que a cidade lhe havia dado por marido.
7. Os dois filhos varões de Édipo, Etéocles e Polinices, disputaram o trono em luta fratricida. Conservaram-se duas tragédias em que essa parte da lenda foi dramatizada. *Os Sete contra Tebas* de Ésquilo e *As Fenícias* de Eurípedes.
8. Segundo Mueller, esta frase é proferida após a partida de Antígona, porquanto implica em reconhecimento da razão da atitude da irmã, que Ismênia não quisera exprimir na frente dela, para a dissuadir do seu projeto. No entanto, com a emenda de Dawe ao v. 94 (*πρὸς κλήσσει* em vez do difícil *πρὸς κλήσσει* dos manuscritos), as palavras finais de Ismênia tornam-se a contrapartida da acusação anterior de Antígona.

888

9. Já na *Ilíada* (IV 406) a cidade de Tebas se distinguia pelas suas sete portas.
10. O rio que corria a ocidente de Tebas, cantado por Píndaro no final da *7ª Ísmica*.
11. Polinices desposara uma das filhas de Adrasto, rei de Argos, no qual persuadira a vir atacar Tebas. Por isso se diz que os sitiantes são argivos e se afirma a seguir «sobre a nossa terra fez cair».
12. A lição *ἀφ' ὧν ἔσται*, defendida por H. Lloyd-Jones, «Notes on Sophocles' Antigone», *Classical Quarterly* 7 (1957), pp. 12-16, e seguida por Dawe, confere à frase um valor metafórico.
13. Subentende-se aqui um verbo como *ἤγγαγεν*. Deste modo, é Polinices o sujeito, o que permite identificá-lo com a água do simile que vem a seguir. Sobre outras vantagens deste regresso à tradição manuscrita, vide Burton, *The Choros in Sophoclean Tragedies*, p. 93. Nauk propôs a seguir *ἐχθρὸς ὁ*; que mais tarde emendou para *κείνος ὁ*. Dawe prefere manter a lacuna de uma dipodia.
14. Hefestos era deus do fogo. A cidade não chegou, portanto, a ser incendiada.
15. Ares designa aqui, por metonímia, a guerra. Esta é descrita alegoricamente: os Argivos são comparados a uma água que quer devorar a cidade; a resistência tebana é a «luta do dragão». Alude-se assim à conhecida lenda da origem dos Tebanos, a partir dos dentes de dragão semeados por Cadmo.
16. O arrogante Capaneu, que foi atingido por um raio.
17. A «bênçãica fúria» sugere a semelhança entre Capaneu, «com a tocha na mão», e uma Ménade (Kamerbeck). Logo a seguir, os «vendavais» comparam-no a uma tempestade (Jebb).
18. As *crices* que enquadram *ἄλλα τὰ δ' ἄλλα / τὰ δ' ἐπ' ἄλλοις* indicam uma dificuldade ainda por resolver. Adotamos o texto de Jebb (*ἄλλα τὰ μὲν, ἄλλα δ' ἐπ' ἄλλοις*) com o sentido que lhe corresponde.
19. Tinha sido escolhido um defensor para cada porta da cidade, do mesmo modo que do lado argivo se haviam destacado sete chefes para comandar o ataque a cada uma delas. Em *Os Sete contra Tebas* de Ésquilo, o ângulo do drama atinge-se quando Etéocles anuncia ao Coro que lhe cabe enfrentar o seu próprio irmão.
20. Etéocles e Polinices, filhos de Édipo e Jocasta, matam-se um ao

889

- outro em combate singular. Cf. supra, nota 7.
21. Baco, filho de Zeus e de Sêmele, a qual o era de Cadmo, fundador de Tebas, estava especialmente ligado à cidade, de que era patrono.
 22. Depois da morte dos dois príncipes, pertenciam a Creonte, irmão de Jocasta, o trono tebano.
 23. Uma das muitas metáforas náuticas que surgirão ao longo desta peça, em ligação com a alegoria da nau do Estado. Esta alegoria era muito antiga na Literatura Grega: datava do fr. 56 Diehl de Arquilocho. Tomou-se celebre através de poemas de Alceu, um dos quais (fr. 326 Lobel-Page) foi universalizado pela imitação de Florácio na Ode XIV do Livro I, que por sua vez serviu de modelo às literaturas modernas.
 24. No original grego estão três palavras difíceis de distinguir na flutuante terminologia da época (*psyche*, *phronema*, *gnome*), a segunda das quais regressa no resumo do programa de ação do v. 207. Mueller observa que, como palavra mais genérica para a consciência, *psyche* é aqui ligada com as outras duas como funções específicas ou partes da consciência. (No entanto, objetaremos nós, a noção de consciência só aparece em Eurípedes.) E acrescenta: «O elemento de vontade em *gnome* é conhecido de Tucídides». Kamerbeek tenta precisar melhor: «Nesta tripartição *psyche* parece referir-se antes de tudo à coragem e firmeza do homem ou seus contrários, *phronema* à sua disposição moral e intelectual genericamente, *gnome* à sua visão e juízo em situações que reclamam ações». Sobre *psyche* existem dois importantes estudos recentes: David B. Claus, *Toward the Soul. An Inquiry into the Meaning of Psyche Before Plato*. Yale University Press, 1981; Jan Bremmer, *The Early Greek Concept of the Soul*. Princeton University Press, 1983. Sobre *gnome*, vide Pierre Huard, *Gnome chez Thucydide et ses Contemporains*. Paris, 1973 (que dá a sua interpretação deste passo na p. 20, nota 1).
 25. No decurso da tragédia, este principio vai ser posto à prova na pessoa de Creonte. Repare-se no emprego de *nomos* («lei»), uma palavra-chave deste drama, que regressa no v. 191, no termo do programa político de Creonte.
 26. A lição adotada por Dawe, que seguimos, obriga a tomar *οχολογη* no sentido de «de modo algum», como já foi defendido há anos por S. Eitrem, *Symbolae Osloenses* 4 (1925) 72.
 27. Mantemos a interpretação corrente de *τὸ μῆροῖν*, a despeito das reservas de Vollgraf, seguido por Kamerbeek, que traduzem por «a minha morte».
 28. Damos a interpretação corrente, que vê aqui uma imagem tirada da caça. Tanto Mazon como Kamerbeek partem do sentido habitual de *ορχαίεσθαι* e daí derivam o de «adivinhar» (que Liddell-Scott dá para este passo). O segundo traduz: «A tua suposição (sc. quanto ao que te espera) está perfeitamente correta».
 29. Na impossibilidade de eleitar todas as cerimônias funebres, para que o morto pudesse transpor as portas do Hades, entendiam os Gregos que era suficiente cobrir o cadáver com uma camada de pó. Quem passasse por um cadáver insepulto sem lhe lançar terra incorria numa maldição. Para os que morriam no mar, havia o recurso de lhes erigir um túmulo vazio (cenotáfio).
 30. Os equivalentes antigos dos «juízos de Deus» da Idade Média.
 31. O reino dos mortos era governado por Hades, cujo nome é frequentemente empregado como sinónimo dos seus domínios.
 32. Dawe adota a emenda de Burges, *δεινόν* (aquí: «tremendo»), que encontra eco no v. 323, onde o adjetivo se repete.
 33. O Coro celebra as conquistas do homem: a navegação, a agricultura, a caça, a pesca, a domesticação dos animais, a fala, o pensamento, a política, a construção de casas, a medicina. Conforme referimos na introdução, a noção de progresso da humanidade, que aqui se define, está também no *Prometeu Acorrentado* de Ésquilo (vv. 441-506) e aparece pela primeira vez, que sabemos, no séc. VI a.C., em Xenófanes (fr. 18 Diehl); tomou-se corrente entre os Sofistas, a avaliar pelo mito do *Protagoras* de Platão (322 a.c.). Sobre a existência desta noção entre os Gregos, vide E. R. Dodds, *The Ancient Concept of Progress and Other Essays*, Oxford, 1973, e L. Edelstein, *The Idea of Progress in Classical Antiquity*, Baltimore, 1967.
 34. O vento Sul.
 35. A emenda de Nauck, *ἀγχι* por *ἀγει*, adotada por Dawe, fora apoiada por Mueller e rejeitada por Kamerbeek. Mas parece não haver dúvidas de que aquele verbo é mais adequado do que este para

- descrever sucessivas conquistas do homem sobre os animais terrestres e marítimos.
36. Esta versão baseia-se na emenda de Meineke e Heindorf, que Dawe adotou. A ligação dos códices, *ἐπαζέται* ('obter meios') de escapar) é, porém, defendida por Jebb com paralelos seguros.
37. Depois deste verso, Dawe, seguindo Meineke, supõe a existência de uma lacuna.
38. O ritual fínebre, agora mais completo, compreendia libações em vasos de barro ou de metal. Na *Odisséia* (X: 519-520), constavam de hidromel, vinho e água; em Ésquilo (*Peras* 610-618) de leite, hidromel, vinho e azeite; em Eurípedes, de água, leite, vinho e mel, em *Hígeria entre as Tauras* (159-166), de mel, leite e vinho, no *Orestes* (115).
39. Os vv. 466-467 são uma das mais notórias *crucês* da peça. A forma *ἦτοχόγγιν*, que Dawe mantém no seu texto, e está documentada em quatro manuscritos (LKRS) não é conhecida. Por outro lado, AUY lêem *ἦντοχόγγιν*, que Jebb aceita (e que utilizamos para a tradução), mas oferece dificuldades linguísticas (pois teria de se supor a omissão do segundo aumento e a apócope do preverbo, o que não é normal no ático). Liddell-Scott, no entanto, registra-a. Sobre outras propostas, vide Jebb, apêndice, e Kamerbeek.
40. Neste difícil passo, seguimos a interpretação de Mueller, considerando *ὄργαι* intransitivo pessoal e *αἰών* e *ἐξ αἰῶν* *παρτός* atributivo de *ἡῆρα τῆς παιδός*.
41. Como explicou o escoliasta, a expressão do original, *τοῦ παντός ἡῆτιν Ζηνός ἐχχείου* equivale a «da gente da minha casa». A alusão é a *Zeus Herkeios*, cujo altar se encontrava no pátio central do edifício e simbolizava, portanto, o espírito de união da família. Ismênia, que Creonte manda chamar no verso seguinte, por um dos homens do seu séquito.
43. O fundador e primeiro rei mítico de Tebas. Vide supra, notas 15 e 21.
44. Refere-se ao Coro.
45. A emenda de Nauck, adotada por Dawe e defendida por Fraenkel, Mueller, Rohdich (*ἦδ' ὄργουθω*), foi impugnada tanto por Jebb como por Kamerbeek. Entende este último que a afirmação de Ismênia se torna assim «demasiado absoluta e contrária ao seu re-

- trato», pelo que refere o dizer dos manuscritos (*ἦδ' ὄργουθω* «se ela o consentir»). Mas não só a correção encontra fundamento em Aristófanes, *Aves* 851, como a súbita determinação está de acordo com «o rosto em fogo» com que Ismênia se apresenta.
46. Os manuscritos atribuem esta exclamação a Ismênia. A Edição Aldina deu-os a Antígona, no que foi seguida por Jebb, Dawe e muitos outros. Efetivamente, como escreveu Kamerbeek, o verso, se proferido por Antígona, «tem uma força patética espantosa». Além disso, só assim se compreende bem a réplica de Creonte. As dúvidas na atribuição das falas prosseguem nos versos seguintes. Assim, o v. 574 é dado a Antígona por Dawe, a Ismênia pelos códices e por Rohdich, e ao Coro por Boeckh; ao passo que 576 figura também como da heroína na edição de Dawe, que aqui segue Boeckh, e nos manuscritos é atribuído ora a irmã, ora ao Coro. Como Jebb, demos os dois versos em causa ao Coro. Com efeito, o v. 576 recebe a resposta de Creonte «Por ti e por mim», que parece pressupor que, na mente do tirano, o seu querer se identifica com o da cidade, que o Coro representa. Em 574, este fizera a pergunta usando o demonstrativo para mencionar Antígona; agora conclui, apenas, Jebb observa, a propósito de 574, que Ismênia já interrogara o rei em 568, e objetara em 570, o que levava a uma segunda resposta mais dura. Seria mais natural que não fosse ela quem voltasse a fazê-lo, mas sim outro intercessor.
47. Desta mesma diferença já Ismênia mostrara ter consciência no diálogo inicial com Antígona (vv. 61-62).
48. O Coro examina a sorte dos membros da casa real de Tebas e refugia-se na crença ancestral nas maldições que destroem as famílias. Sobre esta atitude de espírito e seu significado, vide E. R. Dodds, *The Greeks and the Irrational*, University of California Press, 1951, pp. 49-50.
- O texto, para além de ter uma *crix* no v. 586 (*πρωτίαν ἀλάξ*), oferece grandes dificuldades sintáticas. Seguimos a interpretação de Kamerbeek (na esteira de outros), tomando *ἐγερτος ὑπάρχων* como sujeito de *ἐπιτάσσῃμι* e *οἰδμα* como seu objeto.
49. A família real de Tebas, que descendia de Lâdaco, pai de Laio.
50. Referência a Antígona e Ismênia, esperança da continuidade da família.

51. Neste complexo passo, uma das dificuldades maiores reside na lição *χόρις* («pós») dos manuscritos que Jortin, seguido por muitos outros, entre os quais Dawe, substitui por *χορίς* («culetlo»), mais consentâneo com as outras causas da extinção da casa dos Labdácidas, a seguir mencionadas. A controversia, como escreveu Burton, *The Chorus in Sophocles' Tragedies*, p. 107, «continua há dois séculos e não é provável que se resolva, embora no momento *χορίς* esteja em ascensão». Sobre o assunto, veja-se também Winington-Ingram, *Sophocles. An Interpretation*, pp. 167-168. Neste contexto se situa ainda, no final da antístrofe, a referência à Erinia, divindade primitiva, especialmente encarregada de punir os crimes de sangue ou outras infrações graves à ordem estabelecida pelos deuses.
52. Seguimos a conjectura de Jebb, *πᾶν ἄγρεῖναι*, em vez de mantermos a *εἴτις παροργίζω* («que todos envelhece»), conservada por Dawe.
53. Traduzimos, na ordem adotada por Dawe, 668-671, antes de 663-667. Esta transposição, proposta por Scidler e aceita por Pearson e Mueller foi atacada por Jebb, que escreve que ela «hilitava um dos traços mais sutis desta fala», pois Creonte pede uma obediência absoluta e depois completa esta exigência com uma observação sobre a dignidade de tal obediência; quem assim obedecer dá a maior prova de que poderá reinar. Note-se que este passo tem suscitado dúvidas quanto à sua autenticidade, e o próprio Dawe, que o imprime no texto, propõe no parágrafo crítico a eliminação de 666-667. Por outro lado, 673-676 pareceram suspeitos a Blaydes. Logo a seguir, o excurso sobre a anarquia e a diátribe contra as mulheres são também atizados por Dawe no aparato. Mas a teorização política que aqui se encontra está a caráter com o modo de ser de Creonte que certamente coaduna as discussões da época; quanto ao desdém para com o sexo feminino, além de ser um lugar comum na tragédia, está em consonância com o que o tirano disse em 524-525 e 578-579. Ainda relativamente à *anarchia*, é interessante observar, com E. Fraenkel, *Aeschylus: Agamemnon*, Oxford, 1950, II, p. 397, que é esta a mais antiga ocorrência do termo, no sentido de «desobediência à autoridade», a menos que o v. 1030 de *Os Sete contra Tebas* de Esquilo

- seja autêntico.
54. Dawe assinala aqui uma lacuna, tal como fizera Dindorf, a fim de igualar o número de versos da *rhexis* de Hêmon à do pai. A regra, no entanto, não é absoluta, como objetou Kametbeck, e, além disso, o sentido da frase parece completo.
55. Uma das muitas metáforas náuticas da peça. Cf. supra, nota 23, vv. 190 e 540-541. Sugere-se aqui a visão de um navio naufragado, com o casco para cima.
56. Traduzimos segundo a ordenação dos versos proposta por Dawe, que os supõe alterados pela memória dos atores: 740-741, 748-749, 756, 755, 742-747, 750-754, 757-760. A seqüência assim obtida é claramente mais lógica.
57. Hêmon refere-se à sua própria morte, que Creonte interpreta como sendo a dele.
58. Causar impunemente a morte de alguém era um crime que os deuses castigavam com severidade. Assim, no começo do *Édipo Rei*, uma epidemia de peste assola Tebas, porque o desconhecido assassino de Laio não fora ainda castigado.
59. Para Klotz, *Form and Meaning in Drama*, pp. 146-147, Creonte permanece em cena durante as partes líricas, uma vez que não há no texto indicação em contrário. A esta opinião pode objetar-se que a inversa também é verdadeira. A presença de Creonte durante o quarto estásimo, bem como o segundo, e talvez o terceiro, é ainda aceito por Winington-Ingram, *Sophocles. An Interpretation*, pp. 100 e 136, nota 58. Outros, como Burton, *The Chorus in Sophocles' Tragedies*, p. 112, colocam a saída de Creonte em 780, para dar ocasião a mandar proceder ao emparedamento de Antígona, e o seu regresso a tempo de ouvir as palavras finais do *kommós* do quarto episódio. Neste sentido se pronunciara também Kametbeck, que foi ao ponto de afirmar que «a presença de Creonte durante o *kommós* seria intolerável; não serviria nenhuma finalidade dramática» (p. 156); por isso, se em 780 deve assinalar-se a saída do rei, como já fizera Jebb, em 882 teremos de marcar o seu regresso sem o que, acrescentaremos nós, não se compreenderia que, no princípio do quinto episódio, Tréias encontra logo o monarca em cena. Também H. Patzer, *Hauptperson und tragischer Held in Sophokles' Antigone*, p. 90, julga impossi-

- vel a presença de Creonte durante este estásimo.
60. Alusão a Antígona.
 61. Mantivemos a lição dos manuscritos, *ἐπιπέσει*, em vez da conjectura de Livineius, adotada por Dave, *ἐπιπέσει*, que significaria «atinge-o». Como Mueller, pensamos que é aquele verbo, e não este, que caracteriza a atuação de uma deusa que toca dos mortais. Sobre as dificuldades de interpretação desta ode, vide Wainington-Ingram, *Sophocles. An Interpretation*, especialmente p. 95.
 62. Este episódio toma, desde o v. 806 a 882, a forma de um *kommos*, ou seja, conforme a definição de Aristóteles, *Poética* 1452 b, de uma «lamentação em comum do coro e da cena».
 63. Um dos rios do Hades, freqüentemente tomado como sinônimo da mansão dos mortos.
 64. No original está a palavra-chave *αὐτόνομος*, que aponta para o exclusivismo de Antígona na obediência à lei. «O coro vê Antígona como fazendo as suas próprias leis independentemente das leis do Estado em que vive, como se ela fosse uma espécie de Estado dentro do Estado». (Burton, *The Chorus in Sophocles' Tragedies*, p. 119).
 65. Niobe, filha de Tântalo e mulher de Anfiction, rei de Tebas, era natural da Frígia (por isso, estrangeira para os Tebanos). Por se ter vangloriado de ter gerado muitos filhos, ao passo que Latona apenas tivera Apolo e Artemis, estes mataram-lhe toda a descendência. Niobe chorou até ser petrificada no monte Sipilo, na Lídia, e as suas lágrimas ficaram transformadas em fonte. O mito inspirou diversos escultores e pintores, bem como dramaturgos (Ésquilo e Sófocles, em tragédias que se perderam.).
 66. Segundo G. Wolff, e contrariando Jebb, Dave assinala aqui uma lacuna de um verso, exigida pela correspondência com sistema anapéstico anterior.
 67. Sobre este rio de Tebas, vide supra, nota 10.
 68. Nos vv. 850-851 há uma longa *crux*, cujo sentido se repete em 852, e que resumimos numa só frase.
 69. Diversas interpretações têm sido propostas para este passo, uma das quais, a de Lesky, *Hermes* 80 (1952) 98 — *Gesammelte Schriften* (Berne, 1966), p. 176, levava a supor que Antígona se

- prostrara como suplicante junto do altar de Dike (a justiça). Burton, *The Chorus in Sophocles' Tragedies*, p. 121, ao referir esta hipótese, conclui que ela levava a perceber na resposta do Coro o seu reconhecimento da justiça do ato da heroína, mas a tal interpretação se opõem, quer razões de ordem lingüística, quer o confronto com passos similares de Ésquilo. O texto que temos, continua, levamos a imaginar um pedestal em que se encontra a figura da justiça e que é esta que detém Antígona na sua correria louca contra ela.
70. O multiplicativo serve apenas para dar maior intensidade.
 71. Como esclareceu o escoliasta foi o casamento de Polinices com a filha de Adrasto, rei de Argos, a causa da guerra. Vide supra, nota 11.
 72. Esposa de Hades, e, como tal, rainha dos infernos.
 73. Os vv. 904-920 são considerados por Jebb e por muitos outros comentadores como uma interpolação que perturba o sentido do texto. Outros, como Kirkwood, Knox, Kamerbeek, aceitam-nos, como uma tentativa desesperada de autodefesa da heroína, quando tudo parecia ter falhado. É costume invocar a história da mulher de Infarnes, que preferiu poupar a vida do irmão em vez da do marido ou dos filhos, em Heródoto 3. 119 (a que poderia acrescentar-se a de Melagro, na Ode V de Baquilides) para justificar os sentimentos que estariam na base deste estranho raciocínio, que desde Goethe é conhecido como o «cálculo dialético». Dave, que mantém o passo, recorda no aparato crítico que Aristóteles, *Retórica* 1417a, conhecia estes versos. A ter havido interpolação (como su-
pomos, pelo que assinalamos todo o passo com parênteses retos), ela estaria feita, portanto, no séc. IV a.C.
 74. Para Rohdich, *Antigone*, pp. 202-203, só depois do quarto estásimo é que Antígona sai de cena.
 75. O coro evoca sucessivamente figuras da mitologia que foram castigadas com o emparelhamento, como Antígona. Assim Dánae, filha de Acrísio, rei de Argos, foi encerrada por este numa torre de bronze, a fim de que não tivesse descendência, pois estava profetizado que o filho que gerasse o mataria. Porém, Zeus visitou-a na sua prisão, sob a forma de chuva de ouro, e a princesa deu à luz Perseu. Acrísio meteu mãe e filho numa arca, que lançou ao mar. Mas eles acabaram por dar à costa na ilha de Serifo, onde encontraram aco-

limento. O mito inspirou inúmeras obras de arte, antigas e modernas, entre as quais cumpre salientar o fr. 13 Diehl de Simônides (traduzido em português na *Hélade*, Coimbra, 1982, p. 146).

76. A ideia tradicional grega sobre inamovibilidade do destino, que regressa adiante, vv. 986-987 (sempre na boca do Coro). A noção afin, de transmissão hereditária da culpa, afirma-se o v. 856, e a de maldições que atuam nas famílias no segundo estásimo (cf. supra, nota 48).

77. Licurgo, filho de Driante e rei dos Edones (na Trácia) opôs-se à introdução do culto de Dioniso no seu país. O deus castigou-o com a loucura (ou a cegueira, segundo outros), até que os Edones, por ordem de um oráculo, o encerraram numa caverna do monte Pangeu. Os versos finais desta anástrofe aludem a aspectos característicos das celebrações dionisiacas: o delírio das Bacantes, as tochas acensas, a música da flauta. A história de Licurgo serviu de tema a uma trilogia perdida de Ésquilo, *a Licurgaia*.

78. Literalmente: «ce irritou as Musas, amigas da flauta». A este propósito, observa Kamerbeek que *πικαύλον νόον* tanto pode ser uma metonímia (como o escoliasta parece supor) como as próprias deusas; inclina-se porém, para a segunda hipótese. Em nosso entender, o contexto favorece a primeira.

79. As Simplegades, que estavam à entrada do Bósforo. A estrofe apresenta numerosas dificuldades, que se consubstanciam na presença de três *crucis* e de uma lacuna. Seguimos a correção de Jebb, segundo a qual *Καρναίων* é o nome que já em Heródoto 4.85 designa as Simplegades, e se deve ler *πλάττει* em vez de *πλάττων*. Do mesmo modo, no v. 975, vertemos segundo a conjectura de Seidler adotada por Jebb, *ἀγαθόνων*.

80. Cidade a Noroeste do Bósforo.
81. Ares é chamado «seu vizinho», porque tinha na Trácia a sua pátria de eleição (*Miada* XIII. 301). Como deus da guerra e da carnificina, estava naturalmente ligado a este ato sangrento.

82. Cleópatra, filha do Vento Bóreas (por isso se na anástrofe «em meio das pátrias tempestades de Bóreas se criara») e esposa de Finciu, rei de Salmidessos, de quem teve dois filhos. Mais tarde, Finciu repudiou-a, encarcerou-a e desposou Idoiceia, a qual cegou e aprisionou os enteados. Sabe-se que Ésquilo escreveu

uma tragédia sobre Finciu, ao passo que Sófocles compôs duas ou três sobre o mesmo tema.

83. A mãe de Cleópatra era Oreítia, filha de Erecteu, rei de Atenas.

84. Vento Norte.

85. As *Parcas* ou *Moirai* eram divindades que flavam o destino dos homens.

86. Mais uma metáfora náutica. Cf. supra, nota 23.

Seguimos a conjectura de Valkenaer, adotada pela maior parte dos editores e comentadores (entre os quais Jebb), que põe o predicado no imperfeito, o que parece mais conselheiro com réplica de Creonte. Dawe, porém conserva o verbo no futuro tal como está nos códices, atribuindo assim a Tiresias a esperança de que continuará a ser atendido.

87. A observação da vontade dos deuses através dos movimentos das aves (significado etimológico da palavra «auspícios») desempenhava um papel muito importante na religião, quer grega, quer romana.

Da existência do lugar de observação de Tiresias em Tebas restava, ainda no séc. II, a tradição, segundo Pausânias 9.16.1.

88. Outro dos processos divinatórios consistia em queimar a carne dos animais que se sacrificavam aos deuses, observando a forma das chamas.

89. Metonímia para designar o fogo, de que Hefestos era deus.

90. Dawe propõe a eliminação deste verso, que corta o sentido da frase; mais adiante, atetiza igualmente 1021, seguindo Reeve.

91. Traduzimos a frase como interrogativa, tal como a imprime Dawe, e dando às partículas o valor que Iles atribui a Kamerbeek.

92. Sobre as Erínias, vide supra, nota 51.

A versão que demos segue a excelente emenda de Dawe ao v. 1075 (*φθιτῶν* por *θεῶν*) e considero, além disso, «as Erínias do Hades e dos mortos» como sujeito e não como aposto.

93. O genitivo pode ser entendido como subjetivo ou como objetivo (e nesta hipótese significaria «por homens e por mulheres») aludindo à previsão da morte de Hémion e de Eurídice).

94. Embora se possa ver uma alusão ao fato já no v. 10, o certo é que só aqui se diz que não só Polínicos, mas todos os seus aliados estavam insensíveis. Esta veio a ser depois a causa da guerra dos Epiígonos

- (os descendentes desses mortos). A lenda era muito conhecida dos Atenienses, pois foi graças à intervenção amada de Teseu que os cadáveres foram restituídos às suas cidades (tema da tragédia de Eurípedes, *As Suplicantes*). Por isso não julgamos que haja razão suficiente para excluir os vv. 1080-1083, como fizeram Wunder e Mueller.
- Quanto à tradução, seguimos o texto de Dawe e a sua interpretação de *καθ' ἑαυτὸν* à luz da glosa de Hesíquio.
95. Para este discutido passo, têm sido propostas várias soluções. Seguimos a conjectura de Deventer no verso 1097, aceite por Dawe (*Με* em nominativo, como entidade abstrata, e não dativo de instrumento), e consideramos, como Jebb, a expressão *ἐν δειῶν πᾶσιν* como sinónima de *πᾶσιν*.
96. Mais do que qualquer outro deus, Dioniso, aqui implorado como patrono da cidade, distinguia-se pela variedade de invocações que lhe eram dadas — mais de sessenta.
97. Sêmele, filha de Cadmo, era amada de Zeus, a quem pediu que lhe aparecesse com todo o seu poder. O deus supremo manifestou-se então com os seus trovões e raios, que fulminaram Sêmele. No entanto, Zeus salvou o nascituro, Dioniso, a quem, por este motivo, se chama aqui «raça de Zeus tonitrante». Cf. supra, nota 21.
98. Os manuscritos têm *Italian*, de que Jebb e outros comentadores procuram demonstrar a autenticidade, mencionando, entre outros argumentos, o da então recente fundação de Tírios, na Magna Grécia. No entanto, Dioniso tinha culto na Ecalia, segundo Pausânias 7.21.1-5, e as outras terras citadas são todas próximas. Dawe, que segue a lição dos códices, remete no aparato crítico para *Traquinias* 354, onde um manuscrito (R) também trocou Ecalia (ai adjetivada como «de altas torres») por Itália.
99. Dioniso era venerado em Eliúsis, ao lado de Demeter, com o nome de Iaco.
100. As celebrantes do culto orgiástico de Dioniso eram as Bacantes.
101. Rio que corria do lado nascente de Tebas.
102. Cadmo semcara o solo com dentes de dragão, dos quais haviam nascido os antepassados dos Tebanos. Cf. supra, notas 15 e 21.
103. A «rocha de dois cumes» são as Rochas Fedriades, que ficam no Parnasso (embora não sejam o seu ponto mais elevado), próximo

100

- de Delfos, e os «fumejantes brandões», os archotes brandidos pelas «bacantes ninfas», durante as danças orgiásticas celebradas por essas companheiras míticas de Dioniso. O nome de «corricias», vênulas da Gruta Corícia, consagrada a Pã, e às Ninfas, nas encostas do Parnasso.
104. A torrente que, jorrando entre os cumes das Rochas Fedriades, vem formar a fonte que fica à entrada do santuário de Delfos, a cujos usos as suas águas serviam.
105. Das muitas localidades gregas com o nome de Nisa (que a etimologia popular associava ao nome de Dioniso), esta deve ser a da ilha de Eubéia, onde cresciam em abundância as duas plantas simbólicas do deus: a hera e a vinha.
106. Um dos gritos rituais em nome de Dioniso.
107. Os manuscritos têm *ἀμφὸς τῶν ἐρέων* («palavras divinas»), que Jebb imprime e que Kametbeck entende dever manter-se, a despeito de ser «uma ousada figura de linguagem». A emenda de Palles, acolhida por Dawe (*ἀ. ἐρέων*), que seguimos, apenas tem contra si o fato de não ocorrer na tragédia.
108. Referência ao destino de Sêmele. Cf. supra, nota 97.
109. O Euripo, que separa a Eubéia da Bécia.
110. O poeta associa os próprios elementos da Natureza ao entusiasmo dionisiaco. Não vemos necessidades das complexas explicações de C. Segal, *Tragedy and Civilization. An Interpretation of Sophocles*, pp. 200-206, para o estésimo em geral, e para este passo em particular.
111. As Tiades eram as ninfas que celebravam as orgias dionisiacas.
112. As danças noturnas em honra de Dioniso — Iaco (cf. supra, nota 99) eram parte do cortejo de Atenas para Eliúsis, por ocasião da celebração dos Mistérios. Eurípides também lhes faz referência no *Ion* (vv. 1078-1086); Aristófanes parodia-as em *As Rãs* (vv. 316-408).
113. Anfion, bem como seu irmão Zetos, haviam construído a muralha de Tebas.
114. Havia em Tebas dois santuários de Palas Atena.
115. Como Jebb e Kametbeck, atribuímos sentido passivo, e não adverbial, a *νικήσας*.
116. Trata-se de Hécale, a deusa das encruzilhadas, que vem a con-
fin-

101

- de-se com Perséfone, o do deus dos infernos, aqui referido por outro dos seus nomes.
117. Descrevem-se aqui os rituais fúnebres dos Gregos, que usavam a cremação. Sobre as cinzas, encerradas numa urna, se erguia depois o túmulo.
118. Em toda descrição alemã as designações de «quarto nupcial» e de «túmulo» para a caverna onde Antígona estava encerrada. Ela era noiva de Hades, mas sem receber os rituais que eram devidos aos que partiam deste mundo, como se acentua pouco adiante, v. 1207.
119. Tanto aqui, no v. 1216, como depois de 1218 e de 1219, Dawe assinala lacunas no texto. Conforme escreve Kamerbeek, não é possível reconstituir exatamente a caverna de Antígona que Sófocles imaginou, mas parece ter algo de semelhante com os túmulos micênicos, como o chamado Tesouro de Atreu.
120. Desde este ponto até ao v. 1347, o texto toma a forma de um *korimos* (sobre a qual vide supra, nota 62).
Os anapestos acabados de proferir pelo Coro, bem como o v. 1279, levam a supor, como Mueller e Kamerbeek, que é o próprio rei que traz o cadáver de Hémon, em vez de se limitar a acompanhar o préstio fúnebre como supôs Jebb. O mesmo Kamerbeek formula a hipótese (p. 201) de Creonte mais adiante pousar o filho e ajoelhar-se ao seu lado durante a primeira estrofe e antístrofe. Tal não nos parece possível, tendo em conta que entre as duas se situa o mencionado v. 1279.
121. Como Jebb e Liddell-Scott, entendemos *δυναξάδαρος* como «que nenhum sacrifício pode apaziguar». Outros, entre os quais Kamerbeek, preferem interpretar literalmente: «difícil de purificar».
122. É duvidoso que se usasse para este efeito o maquinismo chamado *ekkyklema*. Cf. A. Pickard-Cambridge, *The Theatre of Dionysus in Athens*, Oxford, 1946, p. 110, e Kamerbeek, p. 206.
123. Alguns manuscritos atribuem a frase ao Coro, mas, como observa Kamerbeek, «as palavras parecem vir naturalmente como a resposta do Mensageiro».
124. Tradução aproximada de um passo corrupto (v. 1301), após o qual Dawe, seguindo Brunck, assinala uma lacuna de um verso.
125. Outro filho de Creonte sacrificara a vida para apaziguar Ares, que exigia como vítima um descendente puro de Cadmo. Este mito foi aproveitado por Eurípidas para uma das mais belas cenas do seu drama *As Fenícias* (onde, aliás, o jovem se chama Menecceu, em vez de Megareu).
126. Entenda-se: «aos deuses».
127. O v. 1344, que Dawe transcreve entre *crices*, não faz sentido nem está metricamente certo. Traduzimos segundo as emendas adotadas por Jebb: eliminação de *δρασι* e substituição de *κχι* *Θω* por *κχι* *Θω* (Musgrave).